

Universidade Federal Fluminense.

Instituto de Ciências Humanas e Filosofia.

Departamento de História.

Disciplina: História Oral.

Professor: Marcos Alvito Pereira de Souza.

Aluno: Eduardo Silva Mistura.

Trabalho: Transcrição da entrevista realizada com o professor Ciro Flamarion S. Cardoso, para o Projeto “Fabricando História”, elaborado no Curso de História Oral, do segundo semestre do ano 2000.

(E) É, o sr. poderia falar assim, do, dos seus avós Ciro?

(D) Bem, quando eu nasci, minha avó paterna e meu avô materno estavam mortos. Ah! Quer dizer que eu conheci o meu avô paterno e o meu, e minha avó materna. [E : Certo.] Meu avô paterno era um farmacêutico no interior de Minas Gerais, na cidade de Campo Belo e eu, só o vi, talvez uma ou duas vezes quando eu tinha cerca de seis anos, ele morreu alguns anos depois. Ele não morava nas mesmas cidades em que eu morei, de modo que eu o vi muito pouco, só o vi, me lembro dele, de, na verdade me lembro dele numa única ocasião, quando eu tinha seis anos, então não tenho grande coisa a dizer de primeira mão sobre ele, né? No caso da minha avó materna, ela viveu conosco, né? Ela viveu conosco, né?, durante vários anos na cidade de Nova Friburgo, quando agente morou em Nova Friburgo nos anos 50, ela morava conosco, é, antes ela tinha morado com uma filha que teve pleurisia, morreu em Campos do Jordão e, depois de morar conosco em Nova Friburgo, quando nós voltamos para Niterói, ela preferiu ir morar com outra filha, é, quer dizer, porque minha mãe era filha dela, então ela ficou com outra filha em Goiânia, porque, ela era originária de Goiás Velho, a antiga capital do Estado de Goiás, [E : Certo.] aí, ela morreu em Goiânia, e o meu avô sempre, paterno, sempre residiu em Campo Belo.

(E) Assim, a atividade da sua avó?

(D) Minha avó, era dona de casa, ou seja, que ela, teve poucos estudos, fez apenas o primário, se casou muito cedo, né? Teve vários filhos, dois dos quais morreram, ela criou quatro, até a idade adulta, não é isso? [E: Sei.] E, não teve, não trabalhou, ah, fora de casa.

(E) Assim, o seu avô teve escolaridade? Assim, avançada?

(D) Não, é, agora, não, quer dizer, ele era farmacêutico, mas naquela época não havia curso superior de Farmácia. Quer dizer que, ele teve um treinamento de farmacêutico e na época do segundo grau, não é isso? Não era ainda uma carreira de ensino superior, [E: Certo.] naquela época.

(E) Agora, assim e, os pais do sr. Ciro?

(D) Meu pai era funcionário público do IAPI, Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriais, principalmente [?] logo depois se juntaram para formar o INPS, né? Portanto, e, a função dele era de vigiar que os patrões fizessem os descontos, né?, de previdência e pagassem essas cotas e etc. Ele aplicar multas em caso contrário. A escolaridade dele, foi de até, o segundo grau, né? E, ele também chegou a ser professor de francês em Goiânia, cidade onde eu nasci, né? Quando eu era criança pequena, ele ensinava em colégio, a língua francesa.

(E) Já teve contato com o francês desde cedo?

(D) Desde cedo, por causa dele, com o latim também. Ele gostava de, naquela época, o latim existia em todo primário e secundário e ele gostava de latim, me fazia ler e traduzir com ele, desde criança pequena.

(E) Era chato, não?

(D) Em?

(E) Era chato?

(D) Não, eu gostava, né? E a minha mãe, ela, também teve, é, educação apenas primária e secundária, sendo que ela era professora, foi professora de pri..., quer dizer, normalista, desde, [E: Certo.] [ensino?] de primeiro grau e também, quando ela voltou a Goiânia é, na época eu era estudante de universidade, eles, minha família, o resto de família voltou para Goiânia, ela foi bibliotecária durante, durante alguns anos, até se aposentar, quer dizer, ela conseguiu reabrir a carreira, mas [?] na secretaria de educação, sendo designada para trabalhar em bibliotecas. [E: Certo.] E aí se aposentou, como, quer dizer, como professora, e depois bibliotecária. Mas ela agiu a maior parte do tempo, apenas como dona de casa, quer dizer, [E: não atuou, né?] a maior parte da vida ela foi apenas dona de casa.

(E) Assim, o sr. poderia falar assim, da família do sr. hoje? Assim, contato...

(D) Bem, meus pais já faleceram, é, bastante idosos, não é? Atualmente, a minha família se, eu não sou casado, portanto, se reduz a duas irmãs casadas e aos sobrinhos. Eu perdi o contato com a família mais extensa. Meu pai tinha muitos irmãos, né? Alguns moram no Rio, outros em Minas, outros em Goiás, né? Os irmãos de minha mãe, já quase todos morreram, resta apenas uma tia em Goiânia, que eu vejo muito raramente, quer dizer que meu contato é com as minhas duas irmãs e com, os maridos delas e os sobrinhos, não é isso? E, uma das minhas irmãs tem dois filhos, a outra tem uma filha, quer dizer, essa é minha família com a qual ainda tenho contato [Certo.] né?

(E) É, assim, o sr. percebe alguma relação entre seu ambiente familiar e a sua escolha profissional?

(D) Sim e não, ou seja, a a família não queria certamente que eu estudasse História, [E: Sei.] a família queria que eu estudasse medicina, houve fortes pressões nesse sentido, inclusive, ao me formar em segundo grau, tive de parar um ano, enquanto essa briga durou, né? E nesse período eu, é, exerci profissionalmente como músico, eu era pianista, com carteirinha, da [?] profissional. Então, fiquei um ano trabalhando como músico, né? No Teatro de Ópera do Automóvel Clube do Rio de Janeiro e outros lugares, [você tá entendendo?], e, depois então, aí eu consegui convencer meus pais a me deixarem fazer vestibular de História, 1962. Agora, eu disse não, porque por outro lado, desde a infância, eles me, entendeu?, meu pai e minha mãe é, principalmente o meu pai, encorajaram a leitura, inclusive de História, o que eu quisesse ler de coisas, acadêmicas, eles compravam os livros que eu pedisse, né? E portanto, os meus primeiros livros de História,

principalmente de História Antiga, que sempre foi o que eu gostei mais, foram dados por meu pai na adolescência, [E: Legal.] quer dizer, na infância e na adolescência, quer dizer que ele incentivou de um lado, mas ele queria na verdade que eu estudasse medicina. [E: Incentivou sem querer, né?] É, ele incentivou os estudos em geral, do que eu gostasse, do que eu quisesse, agora, no fundo, ele queria que, como ele era filho de um farmacêutico que queria ter sido médico e ele também queria e não foi, [sempre?] tem aquela coisa de passar, para o filho as frustrações pessoais, mas não conseguiu naturalmente. [E: Perfeito.]

(E) É, como foi que o sr. escolheu cursar História? Não, perdão, desculpe. Em que tipo de escola o sr. estudou?

(D) A, bem, eu estudei em escolas variadas, quer dizer, no primário, eu fiz uma parte do primário em Escola Pública, né? No caso, o Grupo Escolar Ribeiro de, não. O jardim de infância, em Niterói era público e aqui eu comecei o primário, também em [Escola Pública?] Joaquim Távora, né? Em Niterói. Depois quando eu me mudei para Friburgo eu comecei o, quer dizer, continuei o primário também em Escola Pública primeiro, que era o [Curso/Grupo?(pouco acima, o professor Ciro Cardoso, pronuncia a palavra Grupo, contudo nesta última menção, não fica claro a pronúncia Grupo, isto é, tem-se a impressão de que ele fala Curso.)] Escolar Ribeiro de Almeida que atualmente é o Instituto de Educação da Cidade, já não é Grupo Escolar, né? [E: Certo.] E, É depois, eu passei para uma escola é, particular. Externato São José e no ginásio, aí eu fui só em escolas particulares, o [CEFEL?] e o Anchieta em Nova Friburgo. Quer dizer, o ginásio é o que corresponde ao fim do primeiro grau de hoje. [E: Certo.] É, o meu segundo grau foi feito, né?, naquela época era um curso científico, [fiz?] o científico, já que meu pai queria que eu fizesse medicina, portanto me orientou para me inscrever no científico e não no clássico, que era a alternativa naquela época. [Eu fiz tudo?] no Liceu Nilo Peçanha de Niterói, portanto, Colégio Público e depois e me formei em História na, numa Universidade Pública, Federal do Rio de Janeiro.

(E) Sei, assim, no tempo de escola, primeiro, segundo grau, ginásio, enfim, como era assim, o ensino? Era ensino de Qualidade [?]?

(D) O ensino tanto nas escolas particulares, quanto nas públicas que eu freqüentei, eram invariavelmente muito bom. [E: Sei.] Eram turmas relativamente pequenas, de atendimento, a aluno, a aluno pelos professores. Quer dizer, não conheci durante todo o primário e secundário, turmas grandes, né? Em nenhum caso, [houve?] é, turmas que impedisse o controle pessoa, pessoa, pelo professor. Quer dizer, se podia dar um atendimento pessoal naquela época e o nível do ensino era muito bom. O Liceu Nilo Peçanha por exemplo, né? É, foi, era um colégio, onde naquela época, a matemática que eu estudei, hoje é dada na graduação de matemática. Nós chegamos a dar portanto, cálculo avançado, geometria, [?] de espaço, [?] de dimensões, que hoje em dia são dados dentro do curso de matemática e, já não no segundo grau. [É/Era?] uma escola pioneira, não é?, e que, e de um altíssimo nível. Todos os meus colegas e eu mesmo não fizemos cursinho, ninguém fazia cursinho. Todo mundo passava direto [E: Passava direto.] nos vestibulares, sem nenhuma preparação adicional.

(E) O sr. percebia assim, muita diferença, da Escola Particular, para a Escola Pública?

(D) Não nas que eu freqüentei, eram todas muito boas, quer dizer, nunca, nunca estive em escola fraca, nem particular, nem, quer dizer, [nem pública?]. Todas eram muito boas na época, pelo menos as que eu [vim?].

(E) Que tipo de aluno o sr. era? Aluno aplicado? Enfim.

(D) Eu sempre fui bom aluno, principalmente nas matérias humanísticas, quer dizer, letras, francês, inglês, português, é, história, geografia e, com tendência a ser aluno pior em matemática, física e coisas assim, né? Isso mostrava claramente que minha vocação certamente não era para medicina. Mas de qualquer modo, na média, eu tinha sempre médias muito altas, estava sempre entre os dois primeiros da turma, as vezes o primeiro, as vezes o segundo em média. [E: Certo, legal.] Durante todo o primário e segundo grau.

(E) Há algum professor neste período que o tenha marcado? Assim, tenha exercido influência, importante na sua vida?

(D) Houve vários, por exemplo, meu professor de História Natural na, no Colégio Anchieta, né? Que já é falecido, é um padre naturalmente, porque é, é parente do Marechal Rondon, não é? Padre Amarante, não é?, Amarante Rondon e que foi um excelente professor de História Natural, durante algum tempo então, é, eu fiquei muito equilibrado, quer dizer, com tendência a me interessar por é, principalmente por estudo de zoologia e coisas assim, né?, por um tempo, né? Na, você tá falando de professores de primeiro e segundo grau? [E: É, é. Que condicionou.] Não é ainda da Universidade, né? [E: Não, não é ainda não.] Bom, pois é, na, na verdade eu tive vários professores de muito bom nível, não? Quer dizer, mas nenhum professor de História que tenha me influenciado muito, quer dizer, a História, sempre foi uma matéria de que eu gostei, mas pelo que eu lia por mim mesmo, desde a adolescência, não é que tive maus professores de História, mas o que eu tô dizendo é que eles não me influenciaram muito, quer dizer. [E: Sei.] Né? Quer dizer, não foi por aí, que fui pra História. Sem nenhuma dúvida. [E: Certo.]

(E) É. Sua formação escolar, assim, influenciou sua escolha profissional?

(D) Quer dizer, não tanto, quer dizer [E: Mas a vida pessoal mesmo?]. É, não foi, quer dizer, eu tive, [uns?] professor[es?] de História bastante bons, mas não senti nenhum entusiasmo, maior por História, é, como matéria acadêmica, quer dizer, muito mais pelas leituras que eu fazia em casa, em livros que eu escolhia e meu pai comprasse. [E: Certo.]

(E) Tinha assim muito conflito do que o sr. lia em casa e o que o sr. via na escola, assim?

(D) Olha, não é que houvesse conflito, é que, como eu lia coisas é, orientada para História Antiga, pra certas coisas, isso quando era visto na escola, não era visto com detalhe, quer dizer, que [?] era uma coisa paralela, né? Na escola era aqueles programas

oficiais, em casa eu lia as coisas de História de que eu gostava, principalmente, já naquela época, Arqueologia e História Antiga. [E: Arqueologia? Legal.]

(E) É, como o sr. entendia, assim, via a História antes da graduação?

(D) É difícil, não é?, hoje eu me lembrar de como eu via História, não é? Eu tinha já naquela época, uma fixação muito grande de [pura?] egiptologia e essa fixação era, naturalmente, por uma História do Egito muito tradicional, quer dizer, me interessava pelos reis, me interessava pelas descobertas, um dos livros por exemplo, que eu li foi, [?] Deuses, Túmulos e Sábios. Então, me interessava pela história das descobertas [E: Sim.] arqueológicas do Egito e de outras civilizações tal como foram feitas e coisas assim, quer dizer que, claro que, o tipo de História que se praticava em primeiro e segundo grau, não é?, sobre história, não é?, era muito tradicional. [E: Certo.] Então, é claro que minha visão de história, devia ser, suponho, agora não me lembro, né?, [todo?] detalhe. Muito tradicional, antes da Universidade. [E: Certo.]

(E) É, aqui tem uma pergunta. Como é que o sr. escolheu cursar História? O sr. já contou a história de vida do sr...

(D) Sim, na verdade foi uma escolha permanente, ou seja, eu oscilei entre duas coisas basicamente até os 22 anos, quando eu já estava na faculdade. História por um lado, eu sempre quis fazer História e Música. Eu fui pianista, e também fiz cursos teóricos de música, como: harmonia, composição e coisa assim e até, o segundo ano da faculdade, eu não tinha escolhido de fato entre as duas, eu estava com as duas. Mas tive de escolher, o tempo não dava mais, quer dizer, já no segundo ano da faculdade, eu não agüentava mais ficar sete horas no piano, que eu tinha de ficar, né, na etapa em que eu estava nos estudos, não é? Então aí, eu realmente fiz uma escolha radical e aí, abandonei a música, né?, e, escolhi História. Essa escolha foi ao meu ver, racional, quer dizer, embora eu tenha custado um pouco a reconhecer isso, eu acho que poderia ser um músico competente, como fui, mas eu não creio, que podia, pudesse me realizar da maneira que eu gostaria, como concertista, como pianista de concerto, coisa assim, acho que, meu talento em música existia, mas não a esse ponto ao meu ver. [E: Sei.] Não é? Eu achei que em História, eu podia ter um melhor resultado que em música. [E: Perfeito. Portanto, foi uma escolha, mas só aos 22 anos.

(E) É, quais eram os seus objetivos, assim, ao cursar, ao fazer História?

(D) Sempre foram, de ensino universitário e pesquisa, quer dizer, eu nunca pensei, eu nunca quis, dar aula em segundo grau, né?, embora tenha dado, no Colégio Pedro II, da zona sul, do Humaitá, por um ano. Não gostei da experiência. Peguei duas turmas. No Colégio de Aplicação, é claro, que eu, a UFRJ tem um colégio de aplicação, então eu fui aluno mestre, não é? Quer dizer, me diverti dando aulas, porque lá era acompanhado por professora [?] de didática, era um joguinho, agente via um pouco como um jogo. Agora, não gosto de ensino de, nem acho que tenha vocação para ensino de primeiro e segundo grau. Eu sei fazer, se precisar fazer eu sei, mas não é o que me atrai. O que me atrai é o ensino universitário e a pesquisa.

(E) Por que assim, essa, meio, esse não gostar...

(D) Ninguém sabe explicar vocação. [E: É.] A vocação existe, não é? Quer dizer, agora, o que ela é, ninguém sabe.

(E) O sr. é, chega...

(D) Quer dizer, o que eu achei era basicamente o que, que, o que eu queria ensinar num nível de detalhe que só é possível na Universidade. [E: Sei.] Aquele ensino em pílulas que eu dei durante anos em cursinho pré-vestibular, fui professor de curso pré-vestibular durante muitos anos, desde o segundo ano da faculdade até, ir me doutorar na França. Que é de 63 a 67, né? Eu fazia, mas era uma coisa maciça é, muito resumida, porque era uma matéria enorme a ser dada, num tempo relativamente pequeno, num ano basicamente e na verdade eu tinha de revisar, porque tinha gente que só entrava depois, né? Agente tinha de ficar sempre revisando, mas então, não era o tipo de ensino que eu queria fazer. Eu queria fazer um ensino mais detalhado, que só é possível na Universidade e ao mesmo tempo eu sempre quis pesquisar, não é? E, embora as condições para isso, de início não existiam, mas logo que foi possível, eu embarquei num processo de pesquisa.

(E) É, o sr. hoje pensa em ensino de primeiro e segundo grau, assim, em História?

(D) Não, eu participo quando me pedem, de debates sobre isso, mesmo porque eu tenho treinamento nisso e estou menos é, me informo de como anda a situação, agora, não é de jeito nenhum, é, a minha área de atuação, quer dizer, eu só sei dar aula, é, já formado, em, no Colégio Pedro II, durante um ano, enquanto ainda aluno, num colégio noturno de Niterói, agora, logo que eu pude, passei ao Ensino Universitário e nunca mais voltei a dar aula no primeiro e segundo grau. [E: Perfeito, É...] Agora não tenho nada contra, só digo que não é minha vocação. [E: Perfeito.]

(E) O sr., qual a razão assim é, da escolha do curso da UFRJ, no caso. O sr. foi aluno da UFRJ?

(D) Fui aluno da UFRJ, bem. Um colega meu, meu melhor amigo em época de Liceu, professor Almir [Encarer?], que é, foi professor da UFF, onde está aposentado e atualmente, professor da UERJ, começou esse curso um ano antes de mim, não é? E, ele estava satisfeito com o resultado e era o curso considerado melhor no Rio na época, quer dizer, havia já o curso da UFF, né? E, havia outros cursos, como o da UERJ por exemplo, mas, normalmente e, a PUC não?, mas se considerava na época que o melhor curso, de graduação, era o da UFRJ, quer dizer que, eu nunca pensei em fazer outro, só me interessei em fazer lá. [E: Perfeito.]

(E) É, o sr. falou que a reação da família, foi muito ruim né? Tem uma pergunta aqui. Qual foi a reação...

(D) Não, veja bem, a família, a reação foi antes, quer dizer, por isso que eu fiquei um ano sem fazer o vestibular. Agora, uma vez que eu fiz, as coisas já estavam assentadas, me apoiaram, né? Eles voltaram pra Goiânia nessa época, me deixaram no uso do apartamento aqui e, é, me sustentaram durante os estudos, quer dizer que, a briga, se resolveu. Quer dizer, que eu tive apoio da família nos estudos, não era o que eles queriam, mas eles me apoiaram. [E: Que bom.] Então, isso foi facilitado porque no último ano do segundo grau, eu fiz um teste vocacional, né?, num Instituto que surgiu no Rio naquela época, o professor [Cavallieri?] né?, trabalhava nisso também, uma de minhas professoras do Liceu, né?, [uma?] de terceiro ano de, do segundo grau, e ela conseguiu um abatimento para os alunos do Liceu, que fizessem o teste. O teste indicou claramente História e Música, né? Não indicou por exemplo, medicina. [Quer dizer?], esse foi um dos argumentos depois que [eu fui usar/foi usado?]. Claramente, um teste especializado, sabe? Não mostrou vocação para medicina, que realmente eu nunca tive. [E: Certo] Né? Quer dizer que, pouco a pouco, convenci a família. [E:Perfeito.]

(E) Assim, é, qual era o conceito do curso de História é, é, da UFRJ, na época, assim, o *status*?

(D) Pois é, era considerado em média, [quer dizer?] pela maioria das pessoas como o melhor do Rio de Janeiro, do Grande Rio de Janeiro na época? [E: Certo.]

(E) Mas ele assim, dentre os outros cursos, ele era marginalizado, não era?

(D) Não, não, ele era o principal curso de História eu acho, no Rio, né? Agora, veja bem, ele tinha problemas seríssimos, como curso, quer dizer, não sei se você vai me perguntar minha opinião sobre ele. [E: É. Com certeza, vai aparecer mais pra frente.] Quer dizer, ele era conceituada como o melhor da época. [E: Sei.]

(E) É, onde funcionava esse curso?

(D) Funcionava na atual Casa de Itália, no Centro do Rio, na Avenida Antônio Carlos, né? Essa, depois os militares devolveram a Casa da Itália a, é, que essa Casa tinha sido da embaixada na época do fascismo, então, foi confiscada pelo governo, quando o governo entrou na Guerra contra o Eixo, no ano em que eu nasci, 42, né? E, foi destinada em algum momento, que eu não sei exatamente qual, para a Faculdade Nacional de Filosofia, que se transformou na atual, no IFCS depois. [E: Sei, lá no centro.] Pois é. Então é, funcionou até depois de eu já ter saído do Brasil, que, pra eu me doutorar, ainda era, quando eu sai do Brasil em 77 lá. (O professor Ciro Cardoso fala o ano de 1977, contudo, o ano no qual ele saiu para o doutoramento na França, foi em 1967.) Depois é que ele mudou várias vezes de, é, de endereço, ele esteve em Botafogo e atualmente está no Largo do São Francisco. [E: Certo.] Mas portanto, ele funciona..., agora os militares devolveram a Casa de Itália a Embaixada Italiana, que voltou portanto pra lá e lá hoje funciona, aliás, Consulado hoje. É, quando o Brasil, o Rio deixou de ser capital, né?, quer dizer, de qualquer jeito já não era Capital, quando

foi devolvid[o/a?], era Consulado da Itália e lá funciona um curso de italiano, oferecido [?] pelo Consulado também. [E: Certo.]

(E) É, pois é, tá assim, quem eram né...

(D) Agora, falta um detalhe aqui, quer dizer. Onde institucionalmente, quer dizer, quando eu comecei o curso de História em 62, era a, Faculdade Nacional de, quer dizer, o curso funcionava na Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil. No ano em que eu me formei em 65, foi exatamente o ano em que se tornou [E: UFRJ] Instituto, né?, de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mudaram o nome da Universidade a do Instituto.

(E) Então foi em 65 que fez essa mudança?

(D) É, quer dizer que o meu diploma por exemplo, ainda tá escrito, Universidade do Brasil etc. e apostilado atrás [com um novo?] nome. [E: UFRJ?] É. [E: Legal.]

(E) Assim, é, quais eram assim os seus colegas de curso, assim, classe social, formação?

(D) [Eram bastante variados/Era bastante variado?], ou seja, que, havia classe média típica como eu me considero, havia classe média de menos renda, de subúrbio, em boa quantidade, não é?, e, agora povo, no sentido exato da palavra não. Quer dizer, eu não tive nenhum colega que eu pudesse chamar de popular no sentido exato da palavra. O que havia era desde uma classe média de menos renda, até gente de classe bastante alta, gente bastante, de família bastante rica também, minoritariamente. [Quer dizer?] predominava classe média né, no Curso de História, com raríssimas exceções. [E: Certo. É.] Agora, é, eu não sei se a pergunta inclui pessoas que foram meus colegas? [?] Um deles foi o professor Ilmar, por exemplo, [E: É ? Professor, Ilmar?] Professor Ilmar se formou comigo. Ilmar Rohloff de Mattos, fomos companheiros de turma e muito amigos na época da graduação. [E: Permaneceu depois, assim?] Não porque ele, eu morei muitos anos fora do Brasil e, eu [E: Contato?], outras especialidades que não as dele, não? Quer dizer que o próprio fato de eu morar em Niterói, ele no Rio, não é?, isso, separou um pouco, agora, nós nos damos bem, mas não mantivemos o mesmo grau de proximidade quando éramos colegas e nos víamos todos os dias. [E: Certo, perfeito. Curioso, né?] É.

(E) Descreva, assim, o ambiente do curso. O ambiente intelectual, social...

(D) Olha, o curso, para padrões atuais era extremamente arcaico. É preciso ver, primeiro, que os professores tinham um regime de 12 horas, não existia dedicação exclusiva, nem tempo integral. O que quer dizer que os professores tinham de ter, outros empregos, não é? Eles tinham o emprego da faculdade, como eu [?] depois também, no início. Quer dizer, eles tinham o emprego na faculdade, mas tinham de dar aula em colégios, ou em outra faculdade, né? Então, o normal de um professor universitário daquela época, já que o regime era de 12

horas, muito mal pago, né?, era de ter três, quatro empregos, até mais, dar muitas aulas por semana, não é isso? Para conseguir um nível básico de, então, isso não estimulava a pesquisa. Também é preciso ver que não havia mecanismos de financiamento de pesquisa. CNPq naquela época, não era voltado pra humanidades, apenas as ciências exatas, medicina, coisas assim. Então, quer dizer que, é, o regime de trabalho dos professores não levava a isso, também não havendo órgão financiadores, era muito difícil realizar pesquisa e, eles não tinham tempo, não?, e o curso, era um curso livresco, era um curso voltado para reproduzir conteúdos de livro, conteúdos bibliográficos. Sem nenhuma abertura para a pesquisa. No entanto, teoricamente, ele tinha duas modalidades: licenciatura e bacharelado, quer dizer, eu fiz os dois. Teoricamente, o bacharelado seria uma porta para a pesquisa, mas na prática não era. Simplesmente era um montão de outras disciplinas. Nenhuma delas era voltada de fato para a pesquisa de verdade. A pesquisa que havia era só em bibliografia. [E: Certo.] Por exemplo, a monografia que se fazia na especialização, que aí, é uma espécie de monografia, embora não tinha propriamente [?] era um trabalho de especialização, quer dizer, agente fazia dois, um no primeiro semestre e o outro no segundo do último ano. Era uma bibliografia com muita exigência, eu fiz em História Moderna e Contemporânea, meu orientador nisso foi o professor Falcon. Era muito exigente, mas era de bibliografia. Quer dizer, não havia exigência de fontes primárias. Eu usei fontes primárias porque eu quis, mas não havia nenhuma pressão, a coisa era muito mais de trabalho de, bibliográfico. Embora, a escola de, a Cátedra de Moderna e Contemporânea, dirigida pela professora Maria Yedda Linhares, era mais voltada para trabalho com fontes primárias [traduzidas/trazidas?] em sala de aula do que, qualquer outra época. [E: Perfeito.] Mas basicamente era ensino livresco.

(E) Assim, os alunos chegavam lá, discutia essa questão do não incentivo a pesquisa, dessas [?]

(D) [?] os alunos não sentiam isso ainda na época, quer dizer que achavam que era normal, você ler e aí resumir o que leu, mas, não é? Alguns já tinham o interesse por fontes primárias, outros não, não havia uma coisa muito clara, né? É preciso ver também, que a estrutura do curso era [totalmente?] diferente. Os cursos eram anuais, não semestrais, havia um número de disciplinas muito menores. Então as exigências de leitura eram muito maiores em média, [do?] que era nas disciplinas de hoje. Né? É a carga horária também, quer dizer, por exemplo, História Antiga, eu me lembro que eram, no primeiro semestre, foram onze horas semanais, com duas professoras, né? Quer dizer, era uma carga puxada. [E: É, são quatro horas aqui, né?] Pois é, né? Então, é outro regime, outro estilo e voltado muito mais para, portanto, um estudo livresco, um estudo, reprodução de conteúdos. [E: Certo.] Com a única exceção parcial, de História Moderna e Contemporânea. [E: Perfeito.]

(E) Sempre, Moderna e Contemporânea, preferência assim?

(D) Não, não, veja bem, eu tô dizendo que a Cátedra de dona Yedda. Porque naquela época, o regime era de Cátedra. A orientação era dada pelo catedrático. [E: Como é que é esse regime...?] Havia quatro catedráticos. [E: Certo.] Quer dizer que, o catedrático, é um catedrático por concurso ou interino. Quando ele era por concurso, ele era vitalício, ganhou portanto, a vaga num concurso público. [E: Certo.] Não é? Dos catedráticos de História, todos, na época havia, todos eram por concurso e na época em que eu esti..., era aluno, uma das cátedras largou por aposentadoria, houve um concurso que eu assisti, foi de História da América, não é? Disputado pela professora Eulália Lobo que ganhou a cátedra e o professor [Gui...?] Holanda, que, ficou em segundo lugar, embora aprovado, e que foi a Justiça, tentando impugnar o concurso, então essa cátedra ficou por anos, né, quer dizer, a justiça enquanto não resolvia, é, eles alternavam. Um ano, um era catedrático, noutro ano, o outro, até resolver. E o professor [Gui...?] acabou morrendo, portanto ficou a professora Eulália. Agora, então quer dizer, que os catedráticos eram: Hélio Viana, de História do Brasil; [Herenildo?] Luiz Viana, não eram parentes, é de, História Antiga e Medieval; a professora Eulália, portanto, veio a ser em 67 [?] é, a cátedra de América, só de América, não é?, e o professor, é, falta um, são quatro de História, é, falei de Antiga e Medieval, Brasil, [E: América, né?] bom, mas aí, [?] a professora Maria Yedda, Maria Yedda Linhares, né? Então, quer dizer que o catedrático era, ele é que decidia quem dava aula, ele é, quer dizer, naquele sistem..., naquela época se chamava[m?] assistente[s?], era de fato um assistente, do catedrático. Catedrático decidia quem entrava para dar aula, coisa assim. Os concursos eram raros. Quer dizer que eu por exemplo, trabalhei na Cátedra de Moderna e Contemporânea, quando eu comecei minha carreira universitária. No Rio, na própria universidade onde eu me formei, convidado pela professora Maria Yedda Linhares, né? Embora eu sempre gostei mais de Antiga, a oportunidade que eu tinha, a Cátedra mais interessante era essa de Moderna e Contemporânea. E em Petrópolis, na Faculdade Católica de Petrópolis, [fui?] convidado pelo professor Falcon, que era o, catedrático de lá. [E: Certo.] Mas não exercia, ele segurou a cátedra para dar oportunidade a gente jovem que [?], não é?

(E) O sr. acha que melhorou, assim, com o término desse regime de cátedras?

(D) Claro, regime de cátedra, a não ser em casos especiais, como da professora Maria Yedda, que era uma, que [é/era?] uma pessoa extremamente inteligente, uma pessoa democrática, uma pessoa muito aberta é, com boas idéias, idéias arejadas, [é/era?] quase sempre um horror. Hélio Viana por exemplo, repetia os livros dele em sala de aula, quer dizer, a gente tinha de comprar os dois manuais, um de colônia, o outro de, império e república e tinha de repetir os manuais nas provas, né? Embora ele desse uma lista de leituras como seminário durante o curso, mas o que era cobrado mesmo era o conteúdo do livro que ele escreveu, tal como ele escreveu, quer dizer, isso é uma coisa muito atrasada. E era um historiador tipicamente positivista, quer dizer, né? Professor [Herenildo?] Luiz Viana, foi o dedo-duro mor no período da, [?] em 64, mas, é, atrapalhou a vida das pessoas e na época do AI-5 fez a lista, principal agente da lista de demissões e aposentadorias e na, e perseguições na Universidade, né? É, o

professor Silvio Julio, que era o catedrático de América, quando eu entrei, doou a sua biblioteca, por testamento a Universidade de São Marcos de Lima, Peru. Quer dizer, nunca pensou por exemplo, doar a biblioteca de História da América que ele tinha, a uma Universidade Federal do Rio, [ou?] outra Universidade brasileira, doou para um estrangeiro, né? Que era extremamente arcaico em suas idéias, a professora Eulália, sem dúvida tinha idéias melhores, mas aí [eu?] é, ela não foi minha professora. [E: Certo.] Quer dizer, eu assisti ao concurso, mas já não era aluno, ainda estava no Brasil, mas já tinha me formado, quando ela fez o concurso, né? Então, quer dizer que nada, em média, o sistema de cátedra era um horror total, quer dizer, com exceção da professora Maria Yedda, eu [só falo/estou falando?] das cátedras de História, é claro que havia também cátedra em Antropologia, Geografia, outras matérias que agente fazia. (nada : Essa palavra foi sublinhada, pois pelo tom com o qual a palavra foi dita, fica claro que o professor Ciro Cardoso não queria proferi-la, tanto é, que se ouvirmos a fita iremos perceber que a segunda sílaba da palavra, é pronunciada num baixo volume, típico de quando queremos nos corrigir, abandonamos a palavra que iríamos falar e pronunciamos outra.) Mas de uma maneira em geral, era um regime terrível, né? Quer dizer que, o término da cátedra, na maioria dos casos foi uma boa idéia. [E: Perfeito.] Agora, há exceções, como o da professora Maria Yedda. [E: Certo.] Quer dizer, eu digo isso porque no caso de uma prof..., pessoa com boas idéias, essa [professora/pessoa?] tinha algum poder para dar uma... [E: E era vitalício, né? Ninguém podia...] Era vitalício, e para dar uma diretiva, como por exemplo essa de que era a única cátedra que incentivava, incentivava, o trabalho com fonte primária. [E: Perfeito.] Não é isso? Então, quer dizer que, quando caía em boas mãos a cátedra era boa, mas quase sempre caía [?] esse é que é o problema [E: Certo.]

(E) É, assim, havia algum predomínio, assim, de alguma corrente teórica...

(D) No período em que estudei, o ambiente era extremamente tradicional em média. [E: Certo.] De novo, a Cátedra de Moderna e Contemporânea era a única que estava aberta para os Annales, para Braudel, Marc Bloch, etc. quer dizer, para a Escola dos Annales, não é?, que na França já tinha há várias décadas, mas no Brasil isso era uma tremenda novidade, não é? Quer dizer que, na revista que os alunos publicavam, chamado, como é que era mesmo? Boletim de História, foi a primeira vez que saiu traduzido no Brasil um artigo de Fernand Braudel, né? É, então quer dizer que, de, em geral, um ensino extremamente tradicional, baseado em bibliografia dos anos 40, 50 no máximo, certo?, raramente livros na, que eu estudei nos anos 60, isso, quer, dizer. A bibliografia era quase sempre bastante antiga, era difícil até na época se atualizar no Rio, não havia os recursos de hoje, as livrarias não, não importavam tão facilmente, não é? Era mais difícil se atualizar também, né? E as pessoas não ganhavam bem e também, pra comprar tanto livro estrangeiro, mas, havia exceções, não é, e a, quer dizer que a Cátedra de Moderna e Contemporânea, de novo, era bastante mais avançada na visão de História do que as outras, as outras [bastante?], muito tradicionais. Como eu disse, o professor de História do Brasil era, era confessadamente positivista...(mudança de lado na fita) ... eu disse o professor de

História do Brasil era, era, confessadamente positivista. [E: Perfeito.] Né? A professora Eulália tinha idéias novas, só entrou depois de eu formado, né? Antes ela dava aula, mas não controlava a cátedra, então. Catedrático tinha muito poder, os professores tinham de fazer mais ou menos o que o catedrático mandava, então, era o catedrático que dava a diretiva, se ele fosse muito tradicional, o curso seria até certo ponto, necessariamente tradicional.

(E) Assim, muitos alunos que, ou formandos que, se identificavam com estes professores, que acabavam chamando eles pra dar aula, né?

(D) Quem determinava quem podia, não podia dar aula em sua cátedra, né? E, uma vez que a pessoa entrava, entrava em regime precário, com o tempo se esperava que pudesse ser efetivado [por exemplo?], coisa que comigo não aconteceu, a tempo de, de quando eu sai do Brasil, eu já não tinha nenhuma dedicação, por exemplo, na cátedra de Moderna e contemporânea. Eu era um, eu trabalhava, na época se dizia, por serviços prestados. [E: Certo.] Era pago por serviços prestados, as vezes. No último ano em que eu dei aula, eu não recebi. [E: Não recebeu.] Aproveitaram que eu viajei e não me pagaram. E não [pagaram/pagavam?] mês a mês, pagaram de vez em quando, então como eu viajei, aí, este ano não pagaram, 67.

(E) O sr. tá falando aí é...

(D) Agora, veja bem, você pode ter exceções individuais, por exemplo, o professor, José Luís Werneck da Silva, pertencia a classe, é, ele era, foi meu professor no Colégio de Aplicação, mas também era da cátedra de Brasil, né? Mas então, na ausência do professor [?] Viana, ele podia dar aulas, ele, numa história mais moderna, mais interessante, agora [era?], bastava o professor apa..., [somar?] a porta [E: Aparecer.], ele tinha de começar a ditar o livro do professor, quer dizer, ele tinha de voltar a [E: Sei.], entende? Então, quer dizer que, na ausência do catedrático, alguma coisa era possível, mas é, se o catedrático era tradicional, estando ele presente, o professor tinha de se tornar tradicional imediatamente, quer dizer, o assistente, porque se, era impossível ir contra o catedrático [na época?]. Mesmo se tivesse boas idéias. [E: Não tinha uma direção do Curso de História ou da própria Universidade que podia...?] Não, cada Cátedra era autônoma. [E: Caramba.] Quer dizer, o Departamento não tinha nada a dizer sobre as cátedras, né? Havia o Departamento, mas era uma coisa mais burocrática, quer dizer, decidia coisas administrativas, não é?, e de qualquer maneira, os únicos membros natos eram os próprios catedráticos. [E: Sei.]

(E) Assim, o sr. já falou algumas vezes que saiu do Brasil, é agora [?] em 67. [D: Foi em 67.] Assim, qual foi o motivo dessa saída?

(D) Bem, a professora Maria Yedda com quem eu trabalhava me encorajou a fazer doutorado no exterior. Aqui no Brasil, não havia doutorado ainda, não havia programas de pós-graduação, a não ser na USP e mesmo assim era muito irregular [E: Certo.], e o programa [?], as pessoas demora..., podiam demorar facilmente 20 ou mais anos para se, fazer mestrado e ou doutorado, ou livre-

docência, então, quer dizer, não era uma coisa ainda regularizada, não havia um plano de pós-graduação no país. Então, quer dizer que a idéia de dona Yedda, não é?, foi que, eu fizesse doutorado na França. Ela me conseguiu os contatos em Paris, não é?, e na época eu estava interessado, quer dizer, já que foi impossível trabalhar História Antiga, eu estava, na Cátedra de Moderna e Contemporânea e na Cátedra de Moderna e Contemporânea eu me interessei pelos problemas, do Capital Comercial, quer dizer do, da história econômica do século XVI a XVIII e dentro disso [?] escravidão negra. Então, é, a minha idéia foi de escolher uma colônia francesa de plantation, com escravos, como meu tema de doutorado, né? E, aí, então por indicação de colegas como o professor Falcon é, pelo conhecimento que ele tinha dos estudos já feitos, eu escolhi a Guiana Francesa, [que era?] uma colônia que não tinha sido estudada. [E: Certo.] Eu sempre achei absurdo ir para a França estudar Brasil, por exemplo, nunca tive essa idéia, não é?, quer dizer que se eu ia para a França, eu queria é, estudar, uma colônia, quer dizer, um assunto, que pudesse ser resolvido nos arquivos franceses, como pesquisa primária [...francês?]. Na verdade, antes mesmo de ter a bolsa confirmada, pela, pela Fran..., [foi uma?] bolsa francesa, Brasil não tinha sistema de bolsas para História naquela época, em maio de 67, eu já tinha começado a pesquisa sobre a Guiana no Rio de Janeiro, já que, houve a ocupação portuguesa de Caiena, foi mais brasileira do que portuguesa, [mas?] então, eles tinham roubado, muitos, muitos documentos do arquivo da Guiana e trazido para o Rio de Janeiro e havia documentos gerados pela administração portuguesa em Caiena, né?

(E) Essa ocupação que o sr. fala é, lá da chegada de D. João...?

(D) Isso, 1809 a 1817, quando devolveram a França. Então, quer dizer que, nessa época, muita documentação francesa foi tirada dos arquivos de Caiena e trazido pro Rio, estão aqui até hoje, na secção de manuscritos [a/na?] Biblioteca Nacional, no Arquivo Nacional, no arquivo do Itamaraty, né? Então, quer dizer que eu fiz pesquisas no Rio de Janeiro, nesses lugares principalmente e também no Instituto Histórico e Geográfico e, em Caiena. Eu fiz uma viagem que eu mesmo financiei a, Caiena, na Guiana Francesa, em fevereiro, né?, por poucos dias, [...] onde eu trabalhei intensamente, nos arquivos locais, sobre o assunto da escravidão. Quer dizer que, eu comecei a pesquisar antes de sair do Brasil. Na França, eu pesquisei, nos Arquivos de Ultramar Nacional, Biblioteca Nacional e depois, ganhei uma outra bolsa francesa pra completar minha pesquisa em Londres. [?] Record Office, quer dizer, que foi uma pesquisa feita em, no Rio de Janeiro, em Caiena, em Paris e em Londres [?] do meu doutorado.

(E) Nessa época assim, 67, por aí, já é regime militar né?, ditadura [?]...

(D) Sim, mas eu tive a sorte de sair do Brasil normalmente pra me doutorar, sem nenhum problema, antes do engrossamento da coisa, que foi o AI-5, quer dizer, quando veio o AI-5, eu já era estudante e bolsista do Governo francês, portanto o governo brasileiro não tinha controle sobre minha bolsa, que era francesa, em

Paris. Portanto, eu escapei, é, do auge da repressão aqui. No entanto, estando na França, os amigos e os colegas daqui, me disseram, fique aí o máximo que puder. Eu digo isso, porque a minha idéia primeira e de fazer o doutorado rapidamente e voltar pra cá, né? Onde eu tinha emprego num curso pré-vestibular, em Petrópolis, na Faculdade Católica e sem vínculo, eu dava aula na Federal do Rio de Janeiro, né? Mas aí, dona Yedda e outros amigos, Falcon e outros, é, Ilmar também, me escreveram dizendo: não volte, a coisa aqui tá preta, o seu nome aparece nos IPM's, é, Inquérito Policial Militar, então você fique por aí, de algum jeito. Quer dizer então, que minha bolsa foi sendo renovada, eu fiquei na França o quanto pude, quer dizer, alarguei o processo de doutorado, que eu podia ter, ter feito [?] bem antes até, quatro anos como bolsista do Governo francês. E ao terminar, como eu tinha feito amizade com o argentino Héctor Pérez Brignoli, que se formou antes de mim, em doutorado, professor [Vilar?], eu trabalhei com professor Mauro, Frédéric Mauro. Então eu, como ele tinha, pelas mesmas razões, não podia voltar a Argentina, foi trabalhar na América Central e conseguiu um contato para mim, em El Salvador, né?, mas aí os militares de El Salvador não me deram visto, pra trabalhar em El Salvador e, acabei eu na Costa Rica, num programa de Ciências Sociais que acabava de ser criado em San José, na, na Costa Rica, na [?] região. Então, é, assim que eu fui parar na Costa Rica, da Costa Rica passei ao México e voltei ao Brasil no ano da anistia, 69. (É certo que o professor Ciro Cardoso trocou as datas, pois o ano da anistia, foi em 1979.) Mas quer dizer, que eu sai normalmente como estudante, sem nenhum problema, já estava lá quando veio, o AI5. Dona Yedda, que eu trabalhava, foi aposentada, foi [E: Sei.] né? Foi aposentada pelo AI5.

(E) É, o sr, inclusive, é, escreveu um livro com o Héctor, né? Brignoli?

(D) Escrevi sete livros com o Héctor, no total [?] o primeiro livro publicado não foi com ele, foi uma, um livro que tinha uma parte minha e uma coletânea traduzida por mim de textos de teoria da História, mas a partir do segundo e, a, até oitavo portanto, foram livros em colaboração com [Héctor/ele?] [E: Sim.] né? O último, já morando em países diferentes, quer dizer, é, eu estava já no México, ele continuava na Costa Rica, né? Mas de qualquer maneira, ainda fizemos um livro, em colaboração, vivendo em países diferentes, [como/sobre?] a História da América Central. [E: Certo, perfeito.]

(E) É, agora, quais assim, é, os de sua prefe..., a, assim, os autores. Quais eram os autores e as obras mais utilizadas, assim?

(D) Você quer dizer o que? Na graduação? [E: É, é, na UFRJ.] Olha, como eu disse em média, com exceção de História Moderna e Contemporânea, bibliografia bastante tradicional, antiga, em média, dos anos 20, 30 e 40, não muito atualizada em muitos dos cursos, com exceção sempre de História Antiga e Medieval, que era bastante mais autoritário, né? [E: Perfeito.] Agora, como eu disse, havia já o início da influência, via a Cátedra de Moderna [?], da Escola dos Annales, tá começando né? [E: Sei.] Quanto a autores brasileiros, na época, havia uma grande influência de Celso Furtado, né de, Caio Prado Júnior e também, no Rio de Janeiro, do ISEB, principalmente de

Nélson Werneck Sodré, [E: Nélson Werneck.] é, nessa época. [E: Perfeito.] No meu tempo de estudante. Mas isso principalmente até, o golpe, depois do golpe, o ISEB perdeu força porque, o golpe veio a mostrar que a visão de Brasil do ISEB, etc., não tava muito nos conformes. [E: É.]

(E) Assim, os autores é, quais os autores assim, de sua preferência na graduação? O sr. se identificava assim, com essas obras do Celso Furtado, do Caio Prado Júnior?

(D) [Eu as?] achava interessantes, agora, eu as vi fora da cátedra de Brasil que era extremamente tradicional [E: Certo.] [N?]a cátedra de Brasil agente não lia essas coisas, não é?, é, embora, podia ler, se a gente escolhesse um desses livros para fazer um seminário, quer dizer, um resumo do livro, como trabalho, que é, o sistema na época era o seguinte. Em cada, os cursos eram anuais, mas em cada semestre a gente tinha de fazer o [?] chamado seminário, cuja nota, não era considerada na média, mas era uma condição para poder ir a prova. Quer dizer, tinha de ser aprovado no seminário, para ir numa prova parcial daquele semestre, depois a mesma coisa no segundo, né? Então na cátedra de Brasil eles aceitavam, por exemplo, se lesse livro de Nélson Werneck de Sodré, de Celso Furtado, como seminário. Agora, quando chegava a prova tinha de repetir o livro do catedrático, né? Então, quer dizer, que, na época, não é, eu fui muito influenciado pela bibliografia, é, na época recente, sobre história econômica, porque, eu escolhi isso, como, quer dizer, eu fiz, quer dizer, os meus assuntos, os assuntos que eu escolhi para, especialização, na época eu tinha escolhido dois, né?, se especializava em duas matérias, [?] bacharelado, curso de licenciatura, não precisava fazer isso. Então eu escolhi História Moderna e História Contemporânea. Em História Moderna, minha especialização foi, na Expansão, é, Comercial e Colonial Européia dos Tempos Modernos na Escravidão. Em Contemporânea, foi, é, uma Teoria Geral do Fascismo, quer dizer, meu trabalho, foi, uma Teoria Geral do Fascismo. Em ambos os casos, eu usei fontes primárias, eu já disse que isso não era obrigatório, mas eu usei, né? Então, isso quer dizer, que o meu trabalho de tese depois do doutorado saiu do de Moderna, né? Quer dizer, do interesse por Expansão [E: Sei.] Comercial e Colonial Européia na Escravidão.

(E) Assim, esse, essa...

(D) Quer dizer que, eu li os autores que na época seriam pra isso [?], Frédéric Mauro era um é, todos aqueles autores [?] né? Todo aquele pessoal da Escola de História Econômica Social Francesa, dos anos 60. [E: É, eu não conheço esses autores.] Em? [E: Eu não conheço esses autores.] Pois é, hoje em dia eles é, alguns deles já, e, já saíram de moda e tudo isso, mas quer dizer que, foi principalmente a Escola Francesa de História Econômica Social, que me interessava, principalmente, nos anos 60. Por outro lado, eu me interessei muito, sem ser via cursos, paralelamente portanto, em minhas próprias leituras, pelas discussões da década em torno da discussão do modo de produção asiático, quer dizer, do marxismo, né? É, e do, no marxismo uma das discussões da época era do modo de produção

asiático. A outra discussão, que estava, as outras discussões importantes, inclusive abriu um grupo de estudos na casa de dona Yedda, com a qual já trabalhava antes de sair do Brasil, [hoje?] embora já não sendo aluno, não é?, já era professor, sem vínculo, 66, 67, havia seminário na casa dela. Agente nessa época estudou, Lévi-Strauss, [?] estruturalismo, que era uma grande novidade e também Althusser, quer dizer, Louis Althusser. Agora, eu desde o começo, tive pé atrás com Althusser. Isso não me interessou e, Lévi-Strauss, só moderadamente. Quer dizer que na verdade eu tava voltado para uma História, é, corrente francesa da época da História Econômico e Social em História da Escravidão. Isso é que me interessava mais na época. [E: Certo, é.] Por isso, eu fiz minha tese aí, na França.

(E) Ciro, que tipo de aluno o sr. era na graduação?

(D) Eu, sempre fui, dos melhores alunos da turma junto com o professor Ilmar. [E: Certo.] Quer dizer, a gente sempre tinha as melhores, as maiores médias da turma. [E: O Ilmar também tinha essa coisa de trabalhar com fonte, assim...?] Sim, mas em História do Brasil. O Ilmar sempre foi orientado para a História do Brasil. [E: Certo.] E eu nunca fui, quer dizer, nunca me interessei por História do, eu queria História Antiga ao entrar, não foi possível, então fui pra Moderna e Contemporânea, mas não escolhi, quer dizer, Brasil, foi trabalhado por mim como um caso, entre outros de escravidão, mas nunca tive uma preferência por História do Brasil, o Ilmar sim. [E: Certo.] Quer dizer, o Ilmar sempre se interessou pelas fontes primárias [?] de História do Brasil.

(E) O sr. é partidário assim, de alguma corrente teórica? É.

(D) Você quer dizer, no, na minha trajetória em geral? [E: É.] [?] tive, grande influência como eu disse, da Escola Francesa dos Annales, [e?] do marxismo, né? [E: Mas o sr. assim...] As duas correntes que eu, que mais me influíram na, no [minha opinião?] são essas. [E: Certo. Essa aproximação Ciro, como é que ela se deu? No caso da, da...] O marxismo foi via Movimento Estudantil [E: Sim.] na, na graduação, né? E a Escola Francesa foi pelo interesse, primeiro por é, docência, quer dizer, preparação de monografia, não é?, de moderna, né? E depois a, a docência em História Moderna com dona Yedda e também em Petrópolis, né? Quer dizer que a Escola Francesa veio mais é, pela minha escolha de monografia e por, e também porque ela, essa cátedra de Moderna e Contemporânea que eu me liguei, era aberta as [essas?] novidades, na época, eram novidades no Brasil, da História Francesa. O marxismo veio mais por militância estudantil, como, quer dizer, no seg..., até o segundo grau, embora meu pai tenha sido do Partido Comunista, mas eu não tinha leitura marxista no segundo grau. [E: Certo.] Isso começou já na graduação. [E: Perfeito.]

(E) A, fale assim, o sr. já falou bastante dos seus professores, acho que nem cabe essa pergunta aqui. [D: É.] É...

(D) Olha, os professores de graduação que me marcaram, mais, foram, de novo, os da Cátedra de Moderna e Contemporânea, isto é, professor Falcon, professor Hugo Vaz, já falecid[a?] e a professora Maria Yedda Linhares. É, agora, além desses, eu também citaria a professora Marina, é, de, da Geografia, né?, Geografia Humana, quer dizer, muitas das coisas, como, demografia, alguns assuntos que depois eu usei em História Econômica, eu aprendi em Geografia, quer dizer, eu tive uma excelente professora de Geografia que era a professora Marina, quer dizer. [E: Perfeito.] É, Santana. É, ela é esposa do que foi diretor da Petrobrás, é, foi ..., diretor comercial da Petrobrás [E: Sei.] Carlos Santana. [E: A, sim.] E ela era professora assistente de Geografia Humana. [E: Certo.] Né? A catedrática, era dona [Lucy/Luci?], que na verdade foi outra dedo-duro famosa, agora, a Marina, era excelente professora, embora, quer dizer, a dona [Lucy/Luci?] tinha pelo menos a vantagem de dar autonomia, [a?] assistente na sua aula, não tinha interferência na faculdade. E as aulas eram muito boas. Esses foram os professores melhores que eu tive em, [na?] graduação.

(E) O sr. tá falando assim em dedo-duro, [D: Sim.] a, a UFRJ no geral, ela foi muito conivente?

(D) Não, veja bem, [o?] contrário, quer dizer, mas é, justamente porque ela foi muito ativa politicamente, e depois contra a ditadura, é, houve o pessoal de direita que portanto aqui do outro lado, dedurando, quer dizer, indicando os, mas era uma minoria. [E: Certo.] Né?, os dois maiores foram esses, quer dizer, embora a professora [E: da área humana, né?] [Lucy/Luci?] foi mais especializada em segundo grau, [E: Certo.] e o [Herenildo?] foi o que mais denunciou gente da própria universidade, né? Mas de qualquer maneira [foi/pelo?] contrário, era um centro considerado subversivo e a partir de 65, eles instalaram polícia dentro da, do próprio Instituto, [?] polícia [estiveram?] na minha turma. [?] que se formou em 65 se cindiu. Uma parte da turma se formou no Teatro Municipal com o resto da Universidade e a parte, é, fui, eu pertenci, né?, que foi maioria, formou sem cerimônia especial, externa, dentro do gabinete do diretor, em protesto. [E: Certo.] Né? Nós recusamos uma, festa de, é, formatura, mesmo porque, né?, tinha acabado de instalar polícia dentro da faculdade, em permanência, quer dizer, havia um, segundo andar, havia policiais o tempo todo lá no [?] [E: Era bastante hostil então?] Claro, era considerado uma escola de esquerda, subversiva e por isso, alvo da tensão, dos militares. Agora, isso, se ampliou muito, quando eu já não estava no Brasil. [E: Certo.] Eu diria que, que diante do, AI-5, coisa assim, [isso tudo?] foi, período tranquilo. Quer dizer, foi muito pior depois. Agora, é claro que, alguns colegas meus que eram propriamente do Partido Comunista, que eu nunca fui, que eram mesmo do Partido, tiveram de sair já em 64, se exilou, como por exemplo o professor, Joel Rufino dos Santos [E: A, sim.] né?, pois é, o professor é, que agora está na, USP, é, foi [economista?], se formou em História, depois eu vou lembrar, Wilson Barbosa, Wilson Nascimento Barbosa. Quer dizer que, alguns tiveram de se exilar já em 64. [E: É, o Joel Rufino eu já ouvi falar que...] Agora, eram pessoas do Partido, mas ativas, quer dizer, também professor, é, Pedro Celso, né?, foi pra Polônia, professora [Marli?] Viana

que foi para a União Soviética, né?, mas a, a, as pessoas que não eram do Partido como eu, né, que não era, que participava do Movimento Estudantil sem ser engajado partidariamente, a coisa engrossou mais, foi em 68, com A+5. E aí, eu já não estava no país. [E: Perfeito.]

(E) É... Me perdi aqui [?]

(D) Bom, esse aqui você já perguntou, se já perguntou, bom, isso você já perguntou também, e esse também eu já falei, esse também eu já falei, relacionamento entre professores e alunos. Bom, também variável, não é?, em geral, muito vertical. (Essa parte, desde o É, que está sublinhado, até alunos, também sublinhado, é o momento no qual eu havia me perdido no longo número de perguntas. No início da entrevista, o professor Ciro Cardoso, pediu para que as perguntas ficassem entre eu e ele, para ele ir acompanhando as mesmas, portanto, no instante em questão, quando fui olhar a indagação seguinte, a tinha perdido de vista. Ficamos procurando qual seria o próximo número. Neste âmbito, alguns murmuros acabaram sendo suprimidos na transcrição.) Quer dizer que, havia uma grande distância professor-aluno, né?, e, agente chamava o professor de senhor, senhora, não é isso? Agora, com exceções, né? Francisco por exemplo, eu sempre chamei de você, Hugo também, quer dizer, de novo, a Cátedra de Moderna e Contemporânea um pouco diferente. [E: Perfeito.] Né? A professora Eulália também era uma professora muito aberta, agora, em média, a relação entre professor-aluno era bastante vertical, em média. Com exceções. [E: Certo.] Né?, quer dizer que, o convívio professor-aluno, não era muito possível, na época, na maioria dos casos [E: Perfeito.] Quer dizer que agente se via em sala de aula, e [tudo?], mas não havia grande convivência [E: Mas dentro de sala os alunos se sentiam a vontade pra...?] Isso variava muito com os professores, [E: [?]] [agora?] em geral, agente sempre perguntava, brasileiro não deixa de perguntar de jeito nenhum, mas de qualquer maneira havia professores mais repressores, quer dizer, e eram em média mais repressores que hoje em dia, não é?, né?

(E) Como, como eram as aulas, assim?

(D) As aulas eram livrescas e expositivas, com pouco uso de materiais que não fossem quadro negro e, coisa assim, se usava algum material mimeografado, que na época, não é?, xerox começou quando eu ainda estava no Brasil, mas tava apenas começando, [E: Certo.] então quer dizer que, se usava muito mimeografo para materiais, né?, mas basic..., o, era basicamente um ensino muito tradicional baseado em cuspe e giz, não é isso?, quer dizer, falar e quadro negro principalmente, né? É, e muito discursivo e, baseado em bibliografia, não tanto em, é na maioria dos casos não tanto em fontes primárias, exposição de fontes e coisas assim, e não muito original, porque as pessoas não pesquisavam, a maioria das pessoas não pesquisavam. [E: Certo.] Não é isso?, quer dizer, simplesmente, portanto, lia, pesquisava bibliografia, mas não pesquisava [criando?] história, escrevendo história. Isso apenas estava começando timidamente na época.

(E) [?] Assim, e os tipos de avaliação? Assim...

(D) As avaliações como eu disse eram baseadas num seminário e, facultada entrar em prova, né?, que se a pessoa não passasse no seminário, perdia aquela prova, ficava reprovado no semestre, então, as notas que valiam, eram das provas, no meio do ano e no fim do ano. Quem não passasse na média das duas ia, a um segun..., é, como é que se chama isso?, segunda época. Segunda época era feita em fevereiro, né?, era uma última oportunidade. Ele fazia um exame, com toda matéria, da disciplina, [?] passava ou não. Se passasse o diploma ficaria, ficava constando que passou em segunda época. [E: Certo, caramba, tava marcado né?] Pois é, quer dizer que era um ensino bastante tradicional, livresco e voltado para a reprodução de conteúdos já prontos. [E: Certo.] Com exceções, como sempre.

(E) Naquela época, assim, quais eram as possibilidades de pesquisa para um aluno da graduação?

(D) Praticamente nenhuma. [E: Nenhuma?] É. Não havia, quer dizer, era muito raro que aparecessem oportunidade[s?]. Houve um momento por exemplo, em que o professor [Herenildo?] e o professor [Lídio?] Holanda, que era professor de metodologia, é, estavam preparando uma comunicação conjunta, para um, um dos primeiros congressos da ANPUH, que se realizou no Paraná em 1963, então o professor [Herenildo?] que era o diretor da, do Instituto, era [?], ele era de História Antiga e Medieval, mas a comunicação foi de História do Brasil. [E: Certo.] Eles me paga..., ele me pagou durante alguns meses pra pesquisar na Biblioteca Nacional, um certo material para ele. Pesquisa aí, no sentido de levantar materiais, resumí-los para ele, escrever coisas, não é isso? Agora, isso era raríssimo, né?, porque a maioria das pessoas não fazia[m?] pesquisa na época. [E: Não faziam.] É. Então, quer dizer [?] oportunidades, para alunos pesquisarem, era muito pequena. Agora veja bem, por outro lado, os alunos tinham a revista [E: certo.] que se chamava Boletim de História, que chegou a ter sete números, né? Depois ela morreu no período militar, foi muito conturbado e, o sétimo foi o último número. Eu participei da elaboração, é do último, desse número sete. Quer dizer que, pelo menos agente tinha a oportunidade, através da Revista, que era do Centro de Estudos de História, né?, e eu cheguei a ser presidente do Centro dos Estudos de História, depois fui eleito presidente da Federação Brasileira do Centro de Estudos de História, mas esses, esse órgão sumiu na ditadura. [E: Sei.] Foi impossível com a ditadura. [Quer dizer?] eu tinha acabado de ser eleito. Quer dizer que, eu quase não atuei, logo depois veio março [?] enfim, de 62, de 63, aí depois veio março de 64, essas coisas terminaram. Ninguém mais tentou ter uma associação nacional, [?] [E: Certo.] não é? Mas de qualquer jeito então, havia um Centro de Estudos de História ativo, embora não propriamente de pesquisa, mas pelo menos fazia uma revista do [?]. Quer dizer que eu tive um treinamento, em trabalho de Revista de História, ainda na graduação. Agora pesquisa *strictu sensu* era, não era uma coisa [?] né?

(E) É, o sr. assim, atuou, em alguma monitoria, naquela época existia, assim, algum projeto de pesquisa, assim...?

(D) Não, não havia monitoria. Quer dizer que, bom, agora eu atuei como eu disse, durante alguns meses, [em?] levantamento de materiais para a pesquisa de dois professores, né? Poucos meses. Foi a única a única oportunidade que surgiu nos meus quatro anos, de universidade, quanto a isso [E: Perfeito.] né? Depois eu fiz pesquisa, ba..., agora, por minha vontade, para minhas monografias de fim de curso, foram duas, portanto, aí fiz pesquisa, [?] em material primário, mas não era obrigatório. Eu [quis fazer?]. [E: Certo.]

(E) É, assim, o sr. teve alguma experiência de ensino durante a graduação. O sr. poderia falar dessa experiência? Falou que tinha aluno-mestre na época, né?

(D) Sim, eu fui, quer dizer, eu, eu comecei a trabalhar como professor no segundo ano da faculdade, em 63, né?, em curso pré-vestibular, num curso, de segundo grau noturno de Niterói que já não existe, né? Quer dizer que eu fui professor desde 63, né? A minha fonte de renda principal, mesmo já formado, era o ensino de cursinho, é o Curso Platão, inclusive depois os militares fecharam, né? Quer dizer que, como o professor Ilmar que dava História do Brasil, eu dava História Geral e agente mais era com esse ensi..., na época, com esse ensino de cursinho. [E: Certo.] Na universidade, eu não tinha vínculo e, me pagavam muito mal na Federal do Rio, quando pagavam, e a de Petrópolis pagava muito pouquinho. Quer dizer que, a base do meu sustento, foi cursinho [E: O sr. começou...] de 63 a 67. [E: Desde a graduação então, o sr. já tá...?] Eu comecei no curso de, no curso de vestibular, do próprio, da própria, [E: Sim.]do, da própria faculdade, do Curso de História [E: Sei.] que era organizado pelo Centro de Estudos de História, aí foi que eu comecei. Depois passei para esse Curso Platão, que se formou na época, né?, e, deixei de dar aula neste curso interno, aliás ele limitava, [não queria que?] mesmo professor continuasse, para dar oportunidade a outro, né? [E: Certo.] Quer dizer que eu fiquei um ano no Curso interno de, de pré-vestibular que o próprio Centro de Estudos de História funciona, fazia funcionar dentro da faculdade, depois num curso comercial [?] Platão, né? [E: Certo.] Quer dizer que eu tive, bom, fui aluno-mestre, no, a UFRJ, tinha portanto o Colégio de Aplicação, portanto, durante um ano, quarto ano, o último, eu dei aula durante um ano inteiro como aluno-mestre, com o acompanhamento do professor Werneck, né?, e de outros professores, professora [?] Néia por exemplo, no Colégio de Aplicação, na Lagoa, né?, e, quer dizer que, durante o curso, eu, tanto recebendo, como não recebendo, porque aluno-mestre na escola não recebia, e também cursos inteiros, dava uma aula do curso. [E: Essa orientação era positiva?] Muito positiva. Colégio de Aplicação que eu fiz, foi extremamente útil, quer dizer, havia muito menos matéria didática do que hoje, e eram mais bem dadas e mais pertinentes, né? Inclusive, por exemplo, eu tive a cadeira de impostação de voz, que é muito importante [para o professor/para professores?], [E: Certo.] eu posso dar aula resfriado, eu consigo, passar a voz por cima do bloqueio, sem nenhum problema, quer dizer que, hoje em dia não existe. Hoje em dia existe um montão de matérias inúteis, em pedagogia e pouca coisa útil. Naquela época, era muito melhor, porque por exemplo a prática de ensino, era feito acompanhada por professores de História, né? A gente tinha professores de pedagogia, as matéria teóricas que eram poucas, três apenas, quer dizer que, eu me lembro era, Didática Geral, Didática Especial, que era dada por uma pedagogia que

ao mesmo tempo era formada em História, né?, e de, e depois havia é, Administração Escolar e Prática de Ensino. E a Prática de Ensino era acompanhada por professores de História. [E: Certo.] Não é isso? Quer dizer que eu acho que era mais útil e pertinente do que hoje em dia, não é?, a gente ficava de manhã no Colégio de Aplicação e a tarde tinha as matérias, [e?] a gente continuava tendo ensino de História no, na faculdade. [E: É, recentemente eu tava lendo um livro do Moacir Gadotti, assim, e ele tava falando que o grande *boom* assim da, da Pedagogia foi na, na Ditadura Militar, né?] Pois é, e eu acho que isso, a maior parte dos alunos de História, acha que perde tempo nessas matérias [?]. [E: Exatamente, assim. O Departamento de História daqui da Universidade, assim, ele chega a, a ter algum projeto, alguma política é, assim que, discuta essa, essa...?] Isso é muito difícil, porque, desde os militares, não é?, principalmente desde os militares, o peso dos pedagogos, junto ao Ministério da Educação [?], eles são muito mais poderosos do que nós, [E: Sim.] não é? Quer dizer que, é, a gente, o que tem conseguido limitar é que eles querem ainda mais ampliar a parte deles. Quer dizer, na cabeça dos pedagogos. Licenciatura é assunto deles, tem matérias específicas, mas basicamente é uma coisa de educação. [E: Certo.] Na prática, não é isso, não?, quer dizer, não deixa que seja isso até o fundo como eles querem. E a gente também procura limitar quando eles querem criar ainda mais cadeiras. Eles ocupam trinta e tantos por cento dos créditos, né? [E: É] Eles gostariam de [optar?] mais. Quer que, a luta é muito mais de não deixar avançar mais ainda. Agora, eles são mais poderosos do que nós. Tanto na Universidade, quanto no MEC, né? [E: É.] É muito difícil se opor a eles por isso, quer dizer, eles têm mais lugares de poder, eles têm mais, estão mais próximos ao poder no MEC, sem nenhuma dúvida. [E: Sei.]

(E) Como o sr. avalia sua formação durante a graduação, né?, os pontos fracos e fortes, enfim.

(D) Olha, eu acho que embora o ensino fosse extremamente tradicional em média, a gente lia muito mais. Quer dizer, eu portanto acho que aquele sistema de menos matérias, matérias anuais, funcionava melhor na prá..., na prática, né? As pessoas consideram que o ensino semestral é mais maleável, pode ser, mas na verdade com menos matérias e mais leituras, agente, eu tive melhor formação em média, ao meu ver, do que um aluno de graduação hoje. [E: Certo.] Né? Agora, veja bem, isso também, não é só pela estrutura do curso, que era meio arcaico, como eu disse de qualquer modo, é também porque, a gente [teve/fez?] um primeiro e um segundo grau muito melhor em média, quer dizer, a gente chegava a universidade, sabendo. A maioria dos alunos tinham, uma boa, um bom domínio da língua portuguesa, redação, quer dizer que o aluno hoje não costuma ter, o aluno em média, de graduação hoje, costuma ter em média um português terrível, quase, quase, quase todos, né? Com pelo menos, sérios problemas de redação, que dificulta muito, numa matéria como a História, que a gente trabalha com a língua, né? Pois é. Quer dizer que, havia certas coisas além do, de estruturas do curso que influíam aí, quer dizer, os alunos chega..., chegavam um pouco mais tarde a faculdade em média, naquela época não era comum as pessoas chegarem com 16, 17 anos. Professor Ilmar foi uma exceção, ele chegou com 17 para 18, mas o comum era a pessoa já ter 18, até 19 quando chegava, [?] mas

maduro também [E: Certo.], não é? Hoje em dia o pessoal tá chegando cedo demais, não é?, principalmente de, no turno da manhã, né?, na universidade. Talvez tenha algumas desvantagens, não é? Quer dizer que o ensino tinha, algum, vários problemas, que era muito livresco, pouco voltado para fontes primárias e pouco voltado pra pesquisa, e na maior parte das disciplinas é, bastante, é, pouco atualizados, né?, com exceção de novo, Moderna e Contemporânea e como eu disse, Geografia Humana, nos cursos da professora, dessa professora Marina, né? Agora, é, de qualquer maneira acho se lia mais, se estudava mais, se trabalhava mais. Em menos [número de?] disciplinas. Portanto eu acho que minha formação com todos os problemas que [eu cursei?], foi melhor, em média do que, a de um aluno da graduação hoje. [E: Certo.]

(E) Ah, assim, o curso, na sua época, privilegiava a formação de professores ou de pesquisadores? [?]

(D) Olha, teoricamente as duas coisas já que havia licenciatura e graduação, mas como, eu, e, bacharelado. Mas como eu expliquei o bacharelado significava só monografias e não necessariamente, duas né?, que não eram necessariamente [E: Eram duas monografias?] É, uma em cada semestre do último ano, né? Que não eram necessariamente, em duas matérias né?, como eu disse, eu fiz em Moderna e Contemporânea. Agora, o que digo, que não forçosamente era com fontes primárias, eu fiz porque quis, [?] com fonte primária, né?, e, é, isso significava apenas um, um número maior de disciplinas. Então, no fundo, o próprio bacharelado, não era voltado para a pesquisa de verdade, na maioria dos casos. Então privilegiava sem dúvida a prepa..., a formação de professor[es?] de segundo grau, embora se tivesse a diferença entre licenciatura e bacharelado. [E: Certo.] Quer dizer que a idéia é que o bacharel, ficaria mais apto do que o que fosse só licenciado a ensinar, a por exemplo, em terceiro grau. [E: Certo, perfeito.] Agora, não era pesquisa de verdade. [E: Sei.]

(E) É, agora, é, vamos dar um salto assim. Como é que o sr. ingressou no Departamento de História da UFF?

(D) Bem, é, como eu disse, depois da França, onde além de eu fazer a tese, eu trabalhei também, eu dei aula lá, substituindo a professora Maria Yedda, quando ela se transferiu de Paris para Toulouse, ela arranhou uma substituição para mim na área de Brasil. Não foi totalmente [por causa?] mas foi por causa dela que eu consegui a substituição, né? E... Mas, basicamente na França, eu fui é, doutorando, mas agora, de lá, eu fui trabalhar na Costa Rica e depois no México é? Agora, estando no México, no Instituto Nacional de Antropologia e História, eu acompanhava naturalmente o que acontecia no Brasil e [no/foi o?] período do Geisel, aquela questão de que [questionava/questionar?] distensão lenta, segura [E: Gradual.], gradual e segura, né?, pois é. Então, de qualquer maneira eu vi que as coisas aqui estavam menos difíceis que no período do Garrastazu Médici e naturalmente eu tinha, eu sempre quis voltar pra cá, eu nunca tive planos de me fixar no exterior pela vida inteira, né.

Pois é, eu sempre tive intenção de voltar para o Brasil, embora tenha trabalhado portanto na França, na Costa Rica e no México. Estando no México então, a situação aqui foi melhorando, né? Em vindas ao Brasil em férias, eu comecei a sondar as

possibilidades, né? A possibilidade acabou vindo porque na época eu trabalhava em História da América, né? Principalmente com o tema da escravidão, mas também com História da América Espanhola, né? E, na época a pós-graduação da UFF, criada é, em 71, né?, tinha duas áreas, Brasil e América, quer dizer, as áreas de concentração era História do Brasil, História da América. Então [creio que?] a coordenadora do curso na época, professora [Aidil Prás?], me convidou, né?, numa das viagens ao Brasil, a vir trabalhar na área de História da América, estavam precisando de um professor na área de História da América e foi assim que eu vim para a UFF ainda como professor, é, contratado, pra trabalhar só na pós-graduação, [E: Certo.] né? E sem vínculo. No entanto, no ano seguinte veio uma lei é, foi preparada pelo ministro Portela, na [?] em vigor, pelo ministro [Rubem...?] que abria a possibilidade aos professores de... [E: Graduação] Não, de contratados [E: Sim.], quer dizer, que não tivessem vínculos, de passarem para o quadro, [adquirindo?] vínculo, né? [E: Sem concurso?] Em? É. E, é, concurso não houve durante anos e anos, quer dizer, concurso que eu digo, público [?] mas eu vim sem concurso, eu vim contratado e, [avistando/já estando?] contratado para a pós, aí veio a possibilidade de me transformar em professor normal do Departamento, do quadro, escolhendo a área, então aquela surpresa geral, em vez de América, escolhi História Antiga, [E: Sim.] Medieval, área de Antiga e Medieval. Isso foi no ano de 80 a escolha, e eu passei a atuar na área em 81. Na época em que isso, essa possibilidade apareceu, eles tiveram de me contactar na Holanda, porque eu tava passando um período em Amsterdam. Então, a [dona?] Yedda me telefonou, a Aidil também, outras pessoas daqui, dizendo que eu tinha essa possibilidade, que eu tinha de mandar um telegrama, uma dizendo que eu queria isso. [?] Eu tinha de dizer que eu queria, não é isso? Então foi como eu entrei na área de Antiga e Medieval e portanto, a professor do quadro. O único concurso que eu fiz no Brasil, aliás foram dois. Foram concursos para professor titular, um na UFRJ, em 86, em que eu não ocupei a vaga. Eu fiz o concurso, ganhei, ganhei, mas não ocupei, né? [?] Esse concurso aliás foi em 87. A tese foi preparada em 86. Mas é porque, quando eu fiz o concurso, tava se criando a pós em Antiga, o setor de Antiga na pós e eu negociar, ficar lá 20 horas e 40 horas aqui, não aceitaram, pois o concurso foi para 40 lá. Então desisti, não [fui/fiquei?] lá. Fiquei aqui só. Pedi dedicação exclusiva aqui, né? Naquela época eu tinha abandonado a PUC, onde eu também trabalhei né? Então, [voltava?] ao Brasil, trabalhei aqui, primeiro como contratado, depois [como por conseguinte?] já como professor de quadro e durante os anos de 79 a 83, também na PUC do Rio, também em História da América e depois em História Antiga também. [E: Certo.] Quer dizer que, na PUC do Rio entrei via professor Ilmar e o professor Falcon, professores lá e que mais ou menos me conseguiram um esquema para ser contratado como [orista?], sabem que eu sou professor de tempo... [E: Integral?] É.

(E) Como era o Departamento na época em que o sr. ingressou aqui?

(D) Relativamente pequeno, em processo de expansão, pois foi o período em que as matrículas, principalmente as da graduação aumentaram muito, né? Quer dizer que haviam concursos internos com frequência, e também havia uma política no Departamento de ampliar. [?] de criar vagas e contratar gente ao máximo que puder, como substitutos dos que saiam para se doutorar o, o pra mestrado em outros lugares,

quer dizer, [naquela época?] também havia alguma facilidade para sair já para mestrado, coisa assim, e esses substitutos acabavam ficando tanto [?] quando voltava o professor de quadro, substitutos de alguma maneira acabavam ficando. [?] o Departamento cresceu muito em período [?] começando a ficar muito grande. Foi exatamente no período em que ele cresceu muito. [E: Certo.] Né? Quer dizer, eu entrei em 79, né? [?]

(E) Havia assim, muitas disputas aqui dentro, enfim?

(D) Eu acho o seguinte, quer dizer, eu acho que, disputa sempre há, agora os estilos das universidades são diferentes. Eu trabalhava na época na PUC também. Na PUC era um departamento bem menor, né? Na época a graduação de História de lá era bastante razoável, era uma boa graduação de História, acho que hoje em dia não está tão boa quanto era na época, mas de qualquer jeito era uma boa graduação, mas era um departamento completamente diferente do daqui. [?] um departamento menor, mas tranquilo, etc. Na UFF, a partir do começo, de 82, 83, começou a onda de greves, quase anuais, não muito comungadas, que dificultavam bastante a vida acadêmica, né isso? [E: Sei.] Isso foi uma constante da, nas greves longas, onde vários meses as vezes, quase todo semestre, né? [A frequência?] muito grande, atrapalhando portanto a vida acadêmica, né? Quer dizer que havia disputas com o governo, salário, [?] o governo na época negociava, [E: Sim.] a grande novidade é que agora não negocia, as greves são feitas mas não há negociação. Mas de qualquer maneira eu acho que os estilos de luta são diferentes, quer dizer, na UFRJ, por exemplo, onde eu voltei a trabalhar como contratado por um ano, 86 e 87, quer dizer, num semestre de 86 e num de 87, a, as disputas não..., quase nunca são muito patentes [?], é uma política de bastidores, onde as coisas são combinadas antes das assembleias, tipo: você, eu falo [?] muito parecido com a política estudantil da minha época, como os estudantes faziam suas assembleias, manobravam, etc. Os professores continuavam atuando assim lá, [E: Sei.] já na UFF o problema foi muito mais o de lavagem de roupa suja em público, tipo psicodrama, quer dizer, muito grito, muita coisa, mas lutas no fundo ao meu ver, menores, até recentemente, quer dizer, eu acho que nos últimos anos tem havido um aparelhamento de grupos, quer dizer, uma política de concursos para que certas pessoas entrem, que são ligadas as outras pessoas, agora isso é bem recente, quer dizer, esse aparelhamento na UFF demorou mais, isso foi inaugurado pela UNICAMP, quer dizer, [E: Sei.] né? Esse aparelhamento assim, ligado também aos órgãos de financiamento, Brasília, quer dizer, CNPq e Capes começou com a UNICAMP, né? [E: Começou em 80 mesmo?] Começou na década de 80, pouco a pouco, né? Demorou a chegar aqui, a UFF era mais inocente nessas coisas, é, eu acho que a UFF só ficou muito aparelhada nos anos 90, quer dizer, aí sim, grupos atuando claramente, quer dizer, formando panelinhas, né? Isso é mais nos anos 90, quer dizer, intentando conseguir posições, em função disso é que eu acho que se mudou o sistema de tanta comissão, de como se tem hoje. Da maneira de aí botar gente, todas elas, mais ou menos, manobrar.

(E) Essas panelinhas, assim, acabam influenciando as bancas?

(D) Eu acho que sim. Agora, elas não são de verdade, nem acadêmicas, nem políticas, elas são pessoais, são alianças em torno de pessoas, agora é claro que eu não vou dizer as pessoas, [E: Não, perfeito.] [?] que isso é um problema de ética básico. Eu tô dizendo que, por mais que se apresentem como opções acadêmicas, não são de verdade, basta ver que tipo, tipo de pessoa se associa a quem, né? As vezes são pessoas [muito?] medíocres, que se associam a pessoa importante, que tem bom [?] etc., mas [?] são bem ruizinhas, mas são promovidos a gênio da noite para o dia, mesmo que não seja, enfim. Então é um problema pessoal sim. É um problema de poder, ligado a certos indivíduos que são ativos neste tipo de política, eu nunca fui, nem vou ser nunca, mas é, que portanto tratam, de conseguir empregos para seus orientandos, é, ou pra pessoas ligadas a eles de outras maneiras, é, aqui e em outros lugares também. Também em alianças com outras faculdades de São Paulo.

(E) O sr. acha que isso, assim, é, acaba influenciando na qualidade do ensino?

Pode influenciar, em certos casos, acaba levando a entrar gente de qualidade duvidosa [?], estão ligadas a certas pessoas. Quer dizer, não necessariamente, quer dizer, nem todo mundo que entrou assim, ou entrou nessas ligações é ruim. Agora, o eu tô dizendo, é que como o problema é pessoal, nem sempre se leva boas escolhas, pode levar, a [?] não é só aqui não, isso é uma coisa, é um grupo que está, aliado a outros grupos que atuam no Grande Rio e também com vínculos com São Paulo, quer dizer, é uma, esse aparelhamento foi crescendo aos poucos, a partir do, dos anos 80 [?], na UFF é principalmente nos anos 90. [E: Certo.]

(E) É, como, assim, o sr. já falou de como o Departamento funciona mais ou menos hoje. [D: Sim.] Quais eram assim, as condições de trabalho na época em que o sr. ingressou aqui?

(D) Olha, eu nunca ganhei tanto, quanto logo que eu entrei, em termo de dólares, [quer dizer?] em dinheiro de verdade, o maior salário que eu tive na UFF, foi em 79. [E: Certo.] Quer dizer, de lá pra cá, embora com flutuações ligadas as greves, na época em que o Governo ainda negociava, o salário a longo prazo tem descido em dinheiro real, quer dizer que as melhores condições de trabalho em termos de salário, foi logo que eu entrei, 79-80, né? Nesse tempo [?] de remuneração, vem caindo em média, ao longo do tempo. Sem nenhuma dúvida, bom, todo mundo em geral, né? Agora, as condições de trabalho, né? Eu não posso me queixar, mesmo porque, eu não me envolvo muito na, nessas, nesses, não me envolvo com grupos, mantenho minha liberdade, portanto, quer dizer, eu digo exatamente o que eu penso nas assembléias, né? É, e, nunca me atrapalharam, entende?, quer dizer. Ao ingressar na UFF, eu já tinha uma carreira feita fora, tinha muitas publicações, né? É, na pós-graduação sempre fui bastante procurado como orientador. Então, quer dizer que, na verdade eu posso fazer as minhas coisas sem ligar muito para estas questões de grupo, pressões e etc. É o que eu faço, me dedico as minhas coisas, aos meus orientandos, aos meus cursos, as minhas pesquisas, né? E, quando tentam engrossar pro meu lado, eu não deixo, simplesmente. Agora, não me meto na política. Sou bastante é, eu falto a todas as reuniões que eu posso do departamento, a pós tem certos períodos também,

depende da fase que a pós tiver atravessando no momento, quer dizer, as vezes eu venho, as vezes não venho, não sou muito ligado portanto, a política departamental e [E: Sei.] mesmo porque eu odeio reuniões longas e as reuniões brasileiras são todas longas, o que pode ser feito em duas horas, acaba sendo feito em 3, 4, 5, né? E, todo mundo fala demais, repete, repete as coisas, coisas assim. Com exceção de uns períodos em que, pessoas demais, isso também, é mais pela insegurança dos dirigentes, querem que tudo tenha sanção, cada detalhe, de burocracia básica tem de ter sanção para é, de, de plenária, né? As pessoas inseguras são assim. As, as que são mais seguras, funcionam melhor [?] tem de ir a plenária e as outras coisas vão por si mesmo e depois, [as?] referendam, levam lá depois [?] que tem de ser feito, né? Mas então as reuniões [chatérrimas?], quase sempre, muito pouca acadêmicas, nos últimos tempos, com o empobrecimento radical, das verbas, assim só se discute dinheiro, então é muito chato, quer dizer, uma boa parte das reuniões é dedicada, a problema de bolsa, a problema de verba, a problema de viagem de professor, então esse tipo de reunião, [eu?] realmente não agüento, né? Eu tô ficando mais ranzinza com a idade, agora eu evito ao máximo a reunião. Eu falto a todas [que...?], né? Agora me pediram de novo para participar de uma comissão, estou participando, a Comissão da Pós-Graduação, né? Mas, na medida em que eu posso, eu não me envolvo, nunca fui chefe do Departamento, fui sub-chefe uma vez, né? Mas eu não gosto, e não tenho vocação para este tipo de, eu sou um mal administrador, [E: Perfeito.] não tenho nenhuma vocação para administrar.

(Chega uma mulher na sala, onde acontecia a entrevista, com uns papéis para o professor Ciro F. S. Cardoso assinar. - Intervalo.)

(E) Se fizer assim, uma comparação, assim, é, do tempo que o sr. entrou pra hoje, assim, a diferença é muita, as condições?

(D) Olha, é sim, os salários estão muito ruins e, o nosso trabalho foi muito aumentado, quer dizer, a carga de trabalho aumentou e os salários pioraram, sem nenhuma dúvida né? Quer dizer, eu diria que as condições de trabalho pioraram radicalmente de 79 para cá.

(E) E assim, é, a greve é um instrumento de reclamação, né? Por exemplo...

(D) Agora veja bem, vamos falar em termos, quer dizer, as condições de trabalho pioraram, em termos salariais, etc. [?] Por outro, o Departamento hoje é mais titulado do que era na época, quer dizer, ...[E: Sim.] Quer dizer que, o Departamento tem tido uma política, até generosa demais ao meu ver, de saídas para a titulação, isso dá resultados, quer dizer, hoje em dia [nós?] temos um número de doutores considerável, né? E, é, quer dizer que é um Departamento de alta titulação, com[o?] a Pós-Graduação de um bom nível, quer dizer, se manteve o bom nível, embora passando por várias fases, com características diferentes, [?] melhores do Brasil na área de História, sem nenhuma dúvida, né? Então, quer dizer que [?] isso são, por outro lado, se a parte propriamente salarial e de emprego estão piorando, aqui é um ambiente interessante nesse sentido. Há pessoas interessantes, há um bom nível de titulação, há uma boa

pós-graduação, [E: Sei.] né? Quer dizer que eu não me envolvo muito com a coisa institucionalmente, e, menos que eu puder, agora eu que eu estou num bom departamento, no sentido de pessoas interessantes e numa pós-graduação, onde se pode fazer coisas também, interessantes. [E: Certo, perfeito.] Agora, eu prefiro dar aula em graduação do que em pós, pessoalmente. [E: É?] É. Porque os alunos de pós-graduação são muito voltados já para suas pesquisas só. [Então?], as vezes eles não se ligam muito nos cursos, eles não estão muito interessados, no fundo, nos cursos. O curso é uma obrigação que eles tem de fazer. Quando eu cheguei, eram 11 disciplinas, hoje em dia são cinco, né? Quer dizer que, houve uma diminuição gradual disso e também porque os prazos hoje são muito curtos, [portanto?] a pesquisa [E: Certo.]. As bolsas são difíceis e curtas, né? Então, quer dizer que há uma concentração na pesquisa e então os cursos, não são aí, tão agradáveis, embora a orientação interessante, agora, como aulas da pós, da graduação me agradam mais atualmente (depois deste último pós, o professor emite um som, o qual fica claro, que ele não queria dizer pós, mas sim, graduação, então, o que agrada mais, é dar aula na graduação.)

(E) Esse encurtamento, assim, do período da pós-graduação, ele, qual foi o motivo? Assim,...

(D) Foi uma pressão governamental, quer dizer, o governo quer acabar com o mestrado, [E: Sei.] tem uma política de que no futuro todo mundo vá direto para o doutorado, que é uma coisa que já se faz em São Paulo, São Paulo tá, quase não faz mais mestrado, [?] [E: Sei.] é, e os que fazem não são de lá, porque lá só contrata doutor, o Estado de São Paulo só contrata doutor, quer dizer, uma das razões para isso, é não ter de liberar o professor [?] se ele já é doutor né? Não ter de liberar aqueles quatro anos pra ele se doutorar, né isso? Quer dizer, num período em que as verbas diminuem as possibilidades, as possibilidades de concurso e, contratação diminui, [diminui/diminuem?], eles não querem ter de dispensar professores facilmente, porque isso complica, né? Então, basicamente, isso é uma política do governo, o governo quer acabar com o mestrado, né? E, quer que as pessoas se dirijam diretamente ao doutorado, na nossa área, isso é um erro, fatal. Né? Quer dizer, é, acho que isso não funciona e, e também, os períodos curtos, em teses, que dependem de longa documentação, como de Letras, ou de Ciências Humanas, História, isso naturalmente redundam em uma qualidade menor, em uma profundidade menos das pesquisas, mas quer dizer [?], Brasília sempre teve modelos [?] derivados das ciências exatas, e matérias tecnológicas e [?] não aceitam ter políticas diferenciadas por áreas. Eles são impermeáveis nisso.

(E) Com relação assim, a graduação, mestrado e doutorado. Assim, hoje em dia assim, eu observo por exemplo, os alunos numa velocidade muito rápida, assim pra, pra...[D: Mas aí é outra coisa.]

(D) Aí, o mercado de trabalho em História hoje está muito ruim. Então o aluno na medida do possível, se ele puder, ele adia o encontro com o mercado de trabalho, que não promete grandes coisas, e portanto se ele entrar direto no mestrado é, ele vai ter a

bolsa, ele pode ter [um monte?] de doutorado e adia esse encontro doloroso, com o mercado de trabalho, quer dizer, ninguém gosta de estudar quatro anos, para depois ganhar uma miséria, por exemplo, de R\$ 400,00 reais como professor de segundo grau. [E: Certo.] E mesmo assim, se houver concursos, conseguir, quer dizer,... [E: Assim, mas...] Quer dizer que há uma deterioração do mercado de trabalho específico de História, [E: Sei.] ele se diversificou, mas em termos gerais piorou. E, há mais possibilidades, mas as possibilidades que não sejam, as mal remuneradas, [do/no?] ensino do segundo grau teoricamente são poucas, são poucas vagas, quer dizer, pesquisa, como Casa de Rui Barbosa, CPDOC, ensino universitário, tá cada vez mais difícil, porque não tem concurso, o governo não deixa fazer concurso, então, é, são muito poucas, as possibilidades aí, o que há mesmo, maior, é área de ensino, né, quer dizer, e isso [tá?] muito mal pago, tá deteriorado né? Então, o aluno se puder [enfrenta logo isso?], passa primeiro pelo mestrado, doutorado, esperando que nesse intervalo alguma coisa apareça, não?, ou mais oportunidades depois, de ensinar numa Universidade, alguma coisa.

(E) Já dá para perceber assim, se houve melhora ou não, assim com relação, essa, assim, eu acho que tem o lance do amadurecimento pessoal, assim, é [D: De quem?] das pessoas que é, é. Geralmente você sai da graduação, as vezes você dá, dá uma parada.

(D) É melhor, a coisa funcionava melhor quando a, logo que eu cheguei a UFF, o público do mestrado, que na época só havia mestrado, o doutorado foi criado depois, a primeira doutora foi Anita Prestes, né? Foi orientada pela professora Yedda, [E: Sei.] mas, na, quer dizer, de início havia o mestrado e aqui, o público do mestrado, eram professores já experientes. Sem dúvida, os resultados eram em média, melhores e, quer dizer, eram pesquisas mais profundas, mais interessantes né? Até exageradas, enquanto não houve doutorado, as pessoas como não tinham certeza, de se [?] poderem fazer doutorado, né?, que isso só era regular em São Paulo na época, poucos lugares, né? São Paulo, Paraná, [em certos lugares e aqui?]. Então, no mestrado, fazia o máximo que podia, [quer dizer?], verdadeiras teses, né? [?] de dissertação. Claro que, [?] doutorado, o mestrado ficou mais proporcional do que ele deve ser, e agora ele está ficando curto demais pela pressão do tempo, né? Agora, se você tá perguntando nível dos alunos, né? Infelizmente, em média ele vem caindo, com altos e baixos [com umas?] flutuações difíceis de explicar, mas, quer que [ele?] pode ter uma boa turma num semestre, quase sempre o primeiro, dos que entram no meio do ano, claro. Porque aí, é, os primeiros escolhem, não é isso? [E: É.] [?] costumam se matricular em março. Mas de qualquer maneira, há flutuações difíceis de explicar, que eu também não pesquisei porque, mas em média e a longo prazo, o nível cai. Porque os professores, os alunos tem cada vez menos vocabulário, menos é, controle da língua escrita, né? E isso em História é muito sério. Isso não só na graduação, na pós também. [?] né isso? (A parte sublinhada, “Porque os professores”, não quer dizer que os professores estejam incluídos no âmbito do declínio de qualidade, isto é, pela entonação da voz do professor Ciro Cardoso, ele queria somente falar alunos, tanto é, que quando ele acaba de falar professor, percebe-se pela entonação, que não é esta a palavra que ele queria falar.)

(E) Tem aqui, as novas políticas de financiamento a pesquisa e as mudanças na carreira docente, elas afetam seu trabalho?

(D) Olha, quando eu cheguei ao Brasil, foi depois já da Reforma Universitária, quer dizer, já com o sistema de pós-graduação instalado há alguns anos, que ficou decidido depois da Passeata dos Cem Mil, [?] carreira docente, tempo integral e pós-graduação, foi a Reforma Universitária do fim da década de 60, mas implementada na década de 70. Quando eu cheguei aqui, isso já tava bastante avançado, quer dizer, um, por exemplo, o [programa?] aqui foi criado em 71, eu cheguei em 79, né? Então, na verdade eu vivi antes de sair do Brasil, o sistema anterior, quer dizer que, não havia tempo integral, que inclusive eu não consegui vínculo na Federal do Rio de Janeiro que eu trabalhava, só lá em Petrópolis que era muito mal pago, né? E, então eu já encontrei o sistema atual, não é isso? Dedicção, quer dizer, com a possibilidade de dedicação exclusiva, tempo integral, bolsas de pesquisa, desde 80 eu sou bolsista do CNPq, sem dúvida, e isso vem me ajudando, quer dizer, [são pesquisas?] portanto, pesquisador, doutor, CNPq há vinte anos, né? Embora, [?] o problema é que com este governo, não só o salário, mas as bolsas também estão congeladas. É, porque a, a bolsa é importante na minha renda, mas renda como um todo cai mesmo, incluindo a bolsa [?] ela é atada ao salário do professor, de universidade, salário de professor de universidade, [estão congelados?] né? Mas de qualquer maneira, o sistemas de bolsas a pesquisa já estava instalado quando eu cheguei, quer dizer, eu já encontrei isso funcionando, né? Quer dizer, o sistema anterior eu conheci só, é, ao me formar em 66 e 67. [E: Perfeito.] Agora, fora do Brasil, tinha condições de trabalho muito melhores do que aqui, principalmente no México, onde eu trabalhava num Instituto de Pesquisa, agora, de qualquer maneira, em relação a [?] que eu me formei, a situação hoje é melhor, em termos que. Este governo, tem uma política de acabar com a Universidade Pública, pelo menos de sucateá-la, diminuí-la, etc. [?] planos do Banco Mundial para, para, para a Universidade Latino-Americana, de outras entidades, não? Então é uma política deliberada de sucateamento, agora, sistema em si de pesquisa e etc. existe, quer dizer, cada vez diminuindo talvez, mas existe, eu sempre me aproveitei bem desde quando voltei em 79.

(E) Como o sr. vê assim, a situação da Universidade Pública, assim, nos dias de hoje?

(D) Ameaçada. Fortemente ameaçada, quer dizer, porque, a, se as tendências, continuarem, né? Por muito tempo, o que vai [?] O processo que já acabou com o ensino de qualidade público, no de primeiro e segundo grau, eu inclusive lhe mencionei que o Liceu na minha época era uma maravilha de colégio, hoje é um colégio bem ruinzinho. A Universidade, isso demorou a chegar a Universidade, a Universidade se preservou por mais tempo, mas chegou. Nós estamos em pleno processo de sucateamento do ensino público, né? Quer dizer que se isso continuar por muito tempo, agente vai correr o mesmo destino do primeiro e segundo grau, quer dizer, isso aqui vai virar um escolão, para pessoas de baixa renda, [E: Sim.] porque, na medida, já está começando o problema. Muitos professores da UFF, que estiveram aqui 40

horas e na UERJ que paga melhor em 20, agora trocaram, estão lá em 40, aqui em 20, alguns deixaram de, passaram para lá direto, quer dizer, não só em História, coisa mais geral, né? Mas [quer dizer?] que, que também, [?] digamos que o Ensino Estadual parece menos ameaçado diretamente que o Federal, né? Porque, essa política é Federal e, nós dependemos direto de Brasília, né? Quer dizer, [no?] caso das estaduais têm mais mediações. [E: Certo.] Mesmo assim, a situação dele piorou também. , talvez não no mesmo nível que o nosso, que a nossa, né? [E: Certo.] Então, de fato, a universidade está sofrendo o mesmo processo de, é, de diminuição de oportunidades, sucateamento, etc., que já aconteceu com o primeiro e o segundo grau. Que. Em que, que a gente vê que isso é uma coisa deliberada? Várias coisas, por exemplo, proibição de concurso, é, querer que os alunos bolsistas de mestrado e doutorado, dêem aula de [?], se o Governo pudesse, cursos regulares completos, enquanto forem bolsistas, maneira de não contratar gente, quer dizer, então, isso é de toda responsabilidade dos orientadores, quer dizer, se vê que teoricamente, um orientando meu, devia pagar uma disciplina, dá-la e eu assinando as, a, o diário. Quer dizer, eu não faço isso, não me responsabilizo por, pela aula dos outros. Mas eu tô dizendo que há uma porção de indicadores, de que isso não é nada casual, isso é uma coisa deliberada, quer dizer, existe uma política de, de diminuição das universidades públicas, né? E, uma transfor..., quer dizer, uma, o desejo transformá-las em escolões, pouco diversificadas. Por exemplo, a política do governo, é de regulamentar a carreira, isso em Brasília, eu fui, membro durante algum tempo da Comissão de Especialistas do Ensino de História, junto ao MEC-SESU, que é encarregado entre outras coisas de, preparar o texto, é [E: MEC-SESU?] MEC-SESU, é secretaria de Ensino Superior do MEC [em/de?] graduação. Em, como saiu uma nova lei de diretrizes e bases era preciso regulamentar as carreiras, segundo a nova lei. E, no meu período, nos foi encomendado [?] agora, veja bem, o, os [?] especialistas são assessoras, são decisórias, quem decide é o Conselho [Geral?] de Educação, né? E, essa idéia do MEC era que, nós naturalmente não aceitamos essa idéia, por isso mesmo, o que a gente fez, foi chutado para *corner*, né? Não foi considerado praticamente, mas é, eles enrolaram, enrolaram e, até hoje não, isso não foi adotado, nem nada, mas o que o MEC queria, é que por exemplo, a regulamentação fosse em Ciências Humanas, [?] provão, quando chegar a um e[m?] uma ano, quer dizer, o aluno então não vai fazer o provão de História, vai fazer o provão, um pouquinho de História, um pouquinho de Geografia, um pouquinho de Sociologia, Antropologia, quer dizer, esse tipo de coisa, quer dizer que a idéia é a de um ensino, [?] escolão, um escolão muito vago, muito geral. Dentro das teorias pós-modernas e neoliberais de Governo, o Governo acha que no futuro, não haverá empregos fixos, as pessoas terão de mudar de emprego várias vezes durante a vida, e terem emprego só [?]. Então, as pessoas não precisariam ter um leque, muito amplo de formação, uma formação variada, não muito profunda, em coisa nenhuma, né? Para aí então, estar capacitada a apanhar vários bicos que aparecem ao longo de sua vida, é mais ou menos essa a teoria do [E: do governo.] é. A respeito do futuro [do mercado?] profissional. Quer dizer, é como o pessoal da Terceira Onda e do, tem essas coisas [E: Sei.], pois é. Não, Terceira Onda, [Stockler?] coisa assim. Terceira Via é lá da Inglaterra, bom, de qualquer jeito não é muito diferente, mas a, então, quer dizer que existe essa idéia, não é? Todas essas idéias são sucateadoras, é, quer dizer, porque por exemplo, se você olhar o [GED?], a

gratificação, foi a única coisa mantida nos últimos anos, [por?] que eles não deram aumento salarial e essas coisas não passam integralmente para a aposentadoria, não? Mas o [GED?], valoriza a sala de aula, só. A única coisa que não tem redutor nos pontos, é sala de aula. Tudo que é ligado a publicações, pesquisa, pós-graduação, tem redutores, quer dizer que, facilmente agente chega a esse, a, a, ao total de pontos, porque de fato a pesquisa não é muito considerada, [é?] pouco considerada, quer dizer que tem uma pontuação, depois tem um redutor, você só pode contar até tantos [?]. Então que, é a imensa maioria, 120 pontos, é sala de aula. Só vinte pontos [?] Quer dizer, que, que significa? Significa não valorizar a pós-graduação, não valorizar a pesquisa, a publicação de livros, artigos. [E: Então, quanto mais turmas pegar, melhor, é isso?] Na cabeça do Governo é, agora agente trata de resisti, interpretando de outra maneira, [como?] na medida do possível, essas injunções do Governo [deve?] pegar, aula, aula, aula. [E: [GED?] É Gratificação a que?] A, eu não sei. É do Ensino, como é que é? Não sei o que que é [?] a sigla. [E: A docência, deve ser alguma coisa.] É deve ser. É. [E: Enfim.] Agora, Especial de Docência, alguma coisa dessas. [E: Certo.] É uma sigla.

(E) Como o sr. vê assim, a relação entre Universidade e Sociedade?

(D) Na nossa área, não é isso? Quer dizer. [E: É.] Eu acho que [?] em geral, né? Eu acho que a Constituição está correta. [?] da Universidade é, no geral então, são de fato: ensino, docência, quer dizer, ensino, pesquisa e extensão. Nosso Departamento está começando agora a levar mais a sério a extensão, né? Aqui se concentrava só ensino e pesquisa, né? Agora você sabe que agente multiplica cursos de *latu sensu* inclusive como meio de fazer recursos, de ganhar dinheiro [E: Certo.] né? Mas na verdade isso, muito útil, na relação com a sociedade. Agora, História é um curso que age no nível de formação de que? De opiniões, de visão de mundo, interpretação do país, né? Quer dizer que a [contribuição?] de um Curso de História tem muito mais a ver com, como [um/o?] país vê a si mesmo, quer dizer, ou como, um setor da sociedade organiza a visão que o país pode ter de si mesmo e do mundo, né? Quer dizer, não é a mesma coisa então que um Curso de Medicina, ou um curso que de, né? Em que as formas de atuação são muito mais diretas e [?] quer dizer, então, quer dizer que a gente tem de ter, de pensar a carreira em que atua, nesses termos, quer dizer, tem muito mais a ver com consciência social, com ideologias, com imaginários sociais [de?] coisa assim, aí que a gente atua. [E: Certo.] Né? Quer dizer, com [poder] então de, nos melhores casos de uma conscientização das mazelas do país. [E: Certo, perfeito.] Uma das maneiras de, agora que eu tenho de ir. [E: Perfeito, Certo] Nós ficamos por onde?